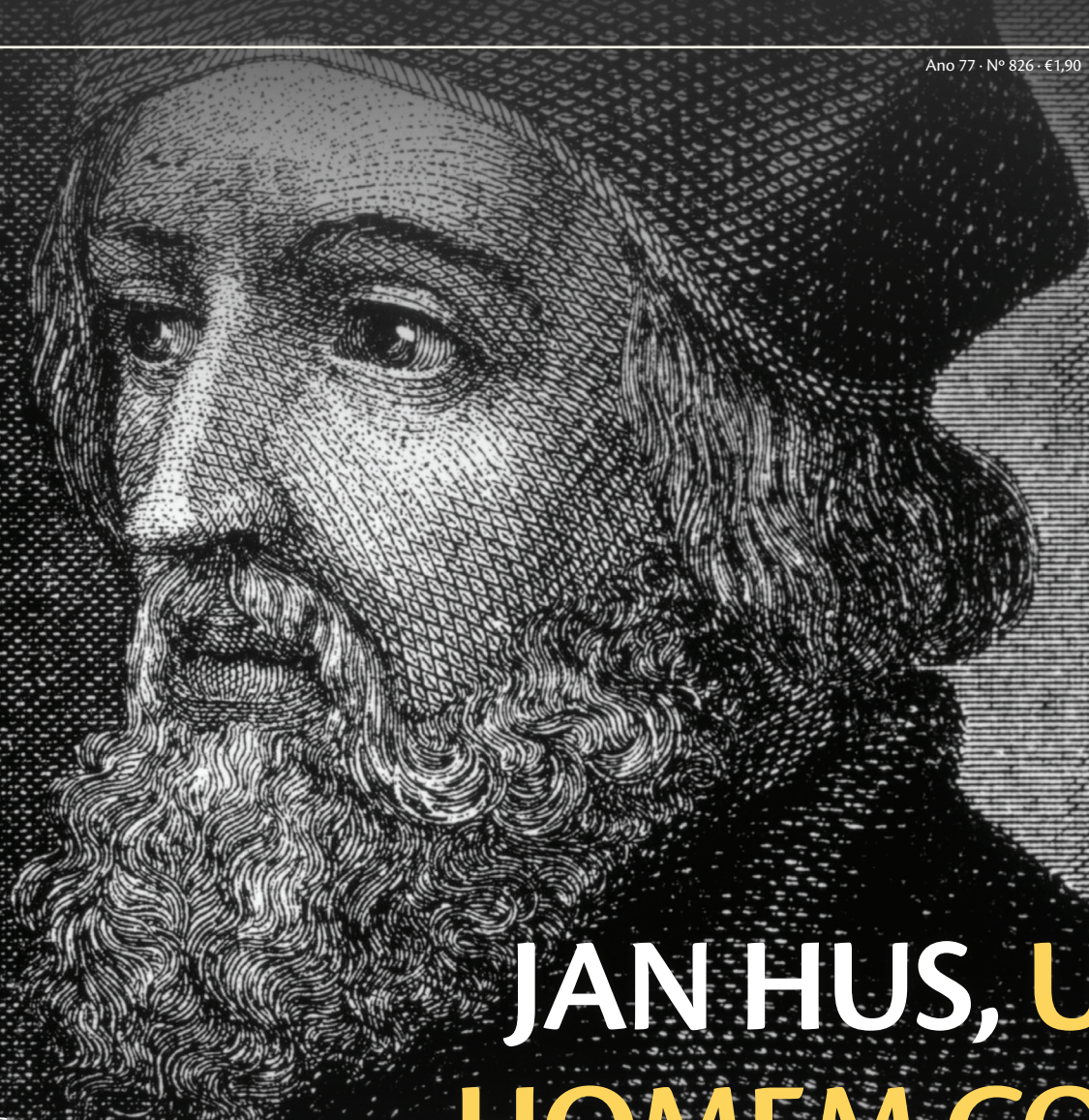


Revista Adventista

Ano 77 · Nº 826 · €1,90

Março 2016

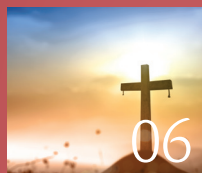


JAN HUS, UM HOMEM COM UMA MISSÃO

SÉRIE DE ARTIGOS · DANIEL 2

O destino da Europa

24



A CRUZ DE SERVO

A cruz de Cristo e a nossa cruz.



**O PEQUENO BARCO
MISSIONÁRIO**

A história da *Luzeiro*.

“A **terna simpatia** do nosso Salvador foi despertada em favor da Humanidade caída e sofredora. Se quereis ser Seus seguidores, necessitais de **cultivar a compaixão** e a **simpatia**.

A indiferença pelos ais da Humanidade deve ceder lugar ao interesse vivo pelos sofrimentos alheios. As viúvas, os órfãos, os enfermos e os que estão a perecer sempre necessitam de ajuda. Aqui está uma oportunidade de proclamar o Evangelho – exaltar Jesus, a **esperança** e a **consolação** de todos os homens.”

ELLEN G. WHITE, *BENEFICÊNCIA SOCIAL*, CPB, [s. d.], p. 26.



CHAMADOS PARA SERVIR

"De graça recebestes, de graça dai." Mateus 10:8.

"EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR

António Rodrigues

Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

Coordenador Editorial

Paulo Lima

Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

Fotografias Ilustrativas

© Shutterstock
E-mail revista.adventista@pservir.pt

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almagem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes

Paulo Santos
E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento Jorge Fernandes, Lda. Charneca da Caparica

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a
ISSN 1646-1886

Ilustração da Capa © Shutterstock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A.



INTERPRETANDO
AS ESCRITURAS

10

O que quis Jesus dizer em Mateus 24:34 com a expressão “esta geração”?

A profecia de Jesus não só não falhou, como foi cumprida mesmo a tempo.



VIDA CRISTÃ

34

Pontualidade

Alguém afirmou que a pontualidade é a cortesia dos reis e a obrigação dos educados.



ARTIGO DE FUNDO

12

Jan Hus, um homem com uma missão

Para o homem acorrentado, esperava-o a tomada de uma decisão: retratar-se ou ir para a fogueira.

04 A REFORMA PROTESTANTE NA PROFECIA BÍBLICA

EDITORIAL

05 MEMO / BANCO DE LEITURA

18 NOTÍCIAS NACIONAIS

21 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

23 TORNA-ME IGUAL AO ZÉ

PÁGINA JUVENIL

06 A CRUZ DE SERVO > PÁSCOA

Não há, neste mundo, quem não carregue a sua cruz. Não há forma de a evitar, mas há maneira de a diferenciar...

24 O DESTINO DA EUROPA – PARTE I > BÍBLIA

Queremos fazer neste artigo a interpretação exegética do texto de Daniel que menciona os pés e os dedos da estátua sonhada por Nabucodonosor. Qual será o seu significado?

32 O PEQUENO BARCO MISSIONÁRIO > HERANÇA ADVENTISTA

A clínica flutuante *Luzeiro* dispensou medicamentos e o Evangelho, abrindo portas para que as pessoas tivessem saúde de corpo e alma.





A Reforma Protestante na profecia bíblica

Infelizmente, após a morte dos apóstolos, a Igreja Cristã distanciou-se da missão que Jesus lhe tinha dado: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura” (Marcos 16:15). Durante os anos que serviram para o desenvolvimento da Igreja, foram muitas as tentativas de Satanás não apenas para destruir a sua missão, como também para pôr fim à sua existência. Também infelizmente, os dirigentes eclesiais, devido à sua ganância e à sua negligência espiritual, permitiram a entrada do mundanismo e de falsas doutrinas na Igreja. No entanto, através da profecia bíblica – nomeadamente aquela presente em Apocalipse 2 e 3 – Deus demonstraria que continuava no comando da Sua Igreja. As sete igrejas do Apocalipse representam os sete períodos marcantes na vida da Igreja. O período da Reforma Protestante é simbolizado pela igreja de Sardes. Deus salvaguardou e preservou a Sua igreja graças à intervenção de Reformadores como João Wycliffe, João Huss, Jerónimo, Martinho Lutero, João Calvino, Ulrich Zwinglio, João Knox e tantos outros. Deus

utilizou estes homens consagrados a fim de repor a Igreja no caminho da verdade. Segundo Ellen White, “Deus permitiu que grande luz resplandecesse no espírito daqueles homens escolhidos, revelando-lhes muitos dos erros de Roma; mas eles não receberam toda a luz que devia ser dada ao mundo” (*O Grande Conflito*, p. 88). Apesar de não possuírem toda a luz, aceitaram proclamar a verdade, denunciando o erro até às últimas consequências.

Assim, Deus não deixou a Sua Igreja à deriva, mas capacitou alguns Reformadores para a trazerem de volta à experiência e à doutrina da Igreja Primitiva. Depois de transcorridos alguns séculos, a tendência humana é de voltar aos mesmos erros do passado. No entanto, nas palavras de Ellen White encontramos um desafio: “A Reforma não terminou com Lutero. Desde aquele tempo, nova luz tem continuamente resplandecido sobre as Escrituras, e novas verdades têm sido constantemente reveladas” (*História da Redenção*, p. 353). Acredito que Deus suscitou a Igreja Adventista do Sétimo Dia e investiu-a de poder e autori-

dade para proclamar e defender a verdade, de modo a restaurar a pureza doutrinal do Cristianismo. Somos todos chamados a uma verdadeira Reforma em todos os aspetos da nossa vida. Devemos preservar as verdades bíblicas tal como Jesus nos ensinou. Lembremo-nos de que uma poderosa e verdadeira Reforma, não pode ser realizada pelo poder de um homem, mas apenas, e tão só, pelo poder do Espírito Santo. A Igreja deve preservar a unidade em Cristo e entre os crentes. “Sejam todos cuidadosos para não clamarem contra o único povo que está cumprindo a descrição dada do povo remanescente, que guarda os mandamentos de Deus e tem a fé em Jesus. [...] Deus tem um povo distinto, uma Igreja na Terra, inferior a nenhuma outra, mas a todas superior em suas facilidades para ensinar a verdade, para vindicar a Lei de Deus. [...] Meu irmão, se estais ensinando que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é Babilónia, estais errado” (*Testemunhos Para Ministros*, pp. 50, 58 e 59). ✦

• **Pr. Antônio Rodrigues**,
presidente da UPASD

MEMO

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

março

05	Dia Internacional da Oração da Mulher
12-19	Semana de Oração JA
19	Dia Global da Juventude
24-27	Acampamentos Regionais
26	Dia da Educação

abril

01-03	Congresso da Escola Sabatina e do Ministério Pessoal
02	Dia das Publicações / Dia de Jejum e Oração
08-10	Encontro de Famílias (R. E. Lisboa e Vale do Tejo)
09	Dia das Visitas
16	Distribuição Nacional do Livro Missionário
17	Atividades Sociais das Igrejas Locais
29/04-01/05	Congresso Nacional de Universitários

COMUNIDADE DE ORAÇÃO



março

07-11	Associação Morávia-Silésia (CSU)
14-18	Casa Publicadora Vie et Santé (EUD)
21-25	Associação do Sul da Transilvânia
28-31	Instituto Teológico de Cernica (RU)

abril

04-08	Associação Central Renana (SGU)
11-15	União Austríaca (AU)
18-22	União Romena (RU)
25-29	Centro Multimédia <i>Stimme der Hoffnung</i> (EUD)

ANTENA 1 RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

07/03	Segunda-feira
25/03	Sexta-feira
27/04	Quarta-feira

CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

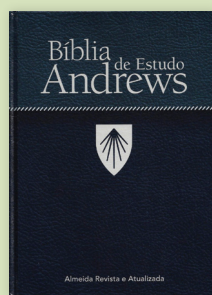
Não haverá programa em março e abril.



BANCO DE LEITURA

Bíblia de Estudo Andrews

Depois de ter sido lançada nos Estados Unidos da América em 2010, finalmente temos a *Bíblia de Estudo Andrews* traduzida para Português. A importância desta Bíblia reside no facto de ela ser a primeira Bíblia de Estudo Adventista do Sétimo Dia. Ela tem uma



forte credibilidade académica, uma grande solidez teológica e uma inegável utilidade prática. Mas vejamos esta Bíblia mais de perto. Para além de apresentar o texto bíblico da versão *João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada*, ela conta ainda com vários mapas coloridos no fim da obra e com mapas a preto e branco no corpo do texto. A *Bíblia de Estudo Andrews* inclui ainda referências cruzadas, que permitem estabelecer uma ligação

entre o texto bíblico que está a ser lido e outros textos importantes da Bíblia sobre o mesmo tema. Cada livro da Bíblia tem uma introdução própria que define a identidade do seu autor, a sua data de redação e a sua teologia. A *Bíblia de Estudo Andrews* conta ainda com um índice temático, que permite identificar os principais textos bíblicos referentes a um determinado tema teológico (e.g., Sábado, Espírito Santo, Jesus Cristo, etc.). Esta obra inclui ainda uma útil Concordância Bíblica. No entanto, o aspeto que mais valoriza a *Bíblia de Estudo Andrews* são as notas de estudo em rodapé. Preparadas por teólogos Adventistas do Sétimo Dia, estas notas oferecem ao leitor uma perspetiva Adventista sobre as diversas passagens do texto sagrado. Por exemplo, as notas de rodapé que acompanham o texto de Apocalipse 14:6-13 – texto crucial para a auto-compreensão da nossa Igreja – são muito elucidativas. Elas iluminam a perícopes das três mensagens angélicas como dificilmente uma outra Bíblia de Estudo (não Adventista) o faria. Outro exemplo que podemos dar sobre o valor das notas de rodapé da *Bíblia de Estudo Andrews* encontra-se no comentário ao texto de Êxodo 20:8-11 (o Mandamento do Sábado). Temos aí uma longa nota que esclarece vários aspetos da teologia do Sábado e que remete para outros textos bíblicos relacionados com ele. Dificilmente encontraríamos uma nota de rodapé deste género noutra Bíblia de Estudo. Em conclusão, não temos dúvidas em recomendar aos leitores da Revista Adventista a nova *Bíblia de Estudo Andrews*. ✎

Paulo Lima
Redator da Revista Adventista

A cruz de servo

Por acaso conhece um quadro de Holman Hunt intitulado “A sombra da morte”? John Stott, no seu livro *A Cruz de Cristo*, descreve-o singularmente assim: ele representa o interior da carpintaria de Nazaré. Jesus, nu até à cintura, está em pé ao lado de um cavalete de madeira sobre o qual colocou a serra. Os Seus olhos estão erguidos ao céu, e o seu olhar é de dor ou de êxtase, ou de ambas as coisas. Os Seus braços estão estendidos acima da cabeça. O sol da tarde, entrando pela porta aberta, lança, na parede atrás d’Ele, uma sombra negra em forma de cruz. A prateleira das ferramentas tem a aparência de uma trave horizontal sobre a qual as Suas mãos foram crucificadas. As próprias ferramentas lembram os fatídicos pregos e o martelo. Em primeiro plano, no lado esquerdo, uma mulher está ajoelhada entre as aparas de madeira. As suas mãos descansam no baú em que

estão guardadas as dádivas dos Magos. Não podemos ver a face da mulher, pois ela encontra-se virada. Mas sabemos que é Maria. Ela parece sobressaltar-se com a sombra em forma de cruz que o seu filho lança na parede.

A cruz, sinónimo de ignomínia, dor, sofrimento e humilhação. Não há, neste mundo, quem não carregue a sua. Não há forma de a evitar, mas há maneira de a diferenciar...

Um símbolo

A cruz não foi, como muitos pensam, o único símbolo dos Cristãos. É importante saber que nos primórdios do Cristianismo alguns outros símbolos ocuparam esse lugar. Nalguns sepulcros subterrâneos na periferia de Roma, onde os Cristãos perseguidos provavelmente se esconderam, encontram-se pinturas de um pavão (que se dizia simbolizar a imortalidade), de uma pomba e de um peixe. So-

mente os Cristãos, e ninguém mais, poderiam adivinhar que *ictus* – “peixe” – era o acrónimo de *IESUS CHRISTOS THEOU UIOS SOTER* (Jesus Cristo, Filho do Deus Salvador), que era usado como símbolo do Cristianismo. Mas a associação entre Jesus e o peixe era simplesmente alfabética e fonética, nada mais, por isso esse símbolo não perdeu.

Ainda outros, como a pintura de temas bíblicos, provavelmente no século II, tiveram o seu lugar. Ao longo do tempo foram ou poderiam ter sido escolhidos como símbolos: inúmeros formatos, inúmeras imagens, quadros que descrevessem o ministério, os milagres, a glória, a majestade, o poder ou a soberania d’Aquele que venceu a morte e os seus aguilhões. No entanto, embora haja um lugar de inaudita importância reservado para cada um desses acontecimentos (desde o nascimento até à ascensão de Jesus), uma coisa é certa: nenhum desses possíveis

símbolos teria qualquer possibilidade de tomar o lugar reservado para o pagamento do meu e do seu pecado. Só a cruz perdeu e só as suas consequências perderão eternamente, as marcas nas mãos de Cristo. Ali está o trono do exemplo da humildade, ali está o trono da redenção.

As obras de Cristo ao longo da Sua vida são d'Ele, devem servir-nos como exemplo de imitação, mas a cruz de Cristo também é nossa, e é na Sua morte que temos a possibilidade de participar da vida que Ele nos ofertou, é com a cruz que estávamos comprometidos. Por isso ela é, em primeiro plano, símbolo da vitória de Cristo, pois “para nós que somos salvos a cruz é poder de Deus” (I Cor. 1:18).

Muitos gostam de usar quaisquer tipos de símbolos (em camisas, em autocolantes no carro, etc.), pensando não haver nenhum comprometimento em usá-los; mas não há símbolo que não tenha o seu significado específico ou uma razão especial pela qual foi criado. Se isto é verdade no que toca aos símbolos, é muito mais no que toca à cruz. Todos temos na vida uma cruz como símbolo da vida. Disse Jesus: “Tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mat. 20:28).

O povo de Israel esquecera que tinha sido tirado do Egito para um propósito: carregar uma cruz pesada, mas não mais na condição de escravos. Agora eram servos eleitos para a salvação; se, por um lado, a cruz (não mais de escravos) representava a dureza e as grandes provações do deserto, deveriam lembrar-se de que eram livres, estavam a caminho da terra prometida. Muitas vezes, nesse trajeto, o povo desejou e pediu para abandonar a cruz de servos,

mas, nos momentos em que esta cruz foi abandonada em troca de outros pesos, pesos nocivos (como o bezerro de ouro [Êxo. 32:4, 20, 35]), eles acabaram por morrer. Mas aqueles que de entre o povo se mantiveram firmes em carregar a cruz de Cristo, sentiram e viram com os seus próprios olhos o poder salvador que emanava da cruz, quando foram assaltados pelo mortífero veneno das serpentes que surgiram do deserto. Diante deles estava a cruz (Núm. 21:8 e 9) que simbolizava a cruz que o Salvador os convidara a carregar pelo deserto até Canaã, a cruz da renúncia a si próprios, a cruz que salva dos mortais assédios do tentador. Ali, sim, ali diante deles, estava a cruz que simbolicamente tinham estado a levar pelo duro deserto. A cruz que algumas vezes abandonaram podia agora ser vista, apalpada e sentida, pois dela emanava poder capaz de assegurar a vida.

A cruz do escravo e a cruz do servo

O povo de Israel levava sobre os seus ombros o peso quase insuportável de uma cruz destinada aos escravos. Libertar-se do Egito e da sua escravidão representava mais do que a independência política. Significava ir e adorar o Senhor (Gén. 7:16). Tirar dos ombros os fardos do mundo e sobre eles depor outros fardos, algumas vezes até mais pesados, mas que representam a salvação.

O povo de Israel não suportava mais a condição de escravos, não somente pelo trabalho, mas sobretudo pelas questões sociais que envolviam a vida de um escravo. Ser escravo no Egito significava ser escravo do mundo, trabalhar sob pressão para outros deuses, levar uma cruz sem rumo e sofrer sem salvação.

A escravidão não implica problemas físicos, mas ideológicos, pois não é o trabalho que incomo-



O povo de Israel esquecera que tinha sido tirado do Egito para um propósito: carregar uma cruz pesada, mas não mais na condição de escravos.

da, mas o trabalho sem objetivo, sem alvos pessoais... A liberdade está aí em jogo. Ser livre é negar-se a si mesmo, tomar a sua cruz e seguir um alvo: Jesus (Mat. 16:24). Ser escravo é orgulhar-se, tomar a mais pesada e estafante das cruzes e andar sem destino.

A imposição do inimigo é a escravidão. A terra de um escravo é o Egito e a sua cruz são as dolorosas consequências da sua escolha. Mas a cruz que Deus nos conchama a carregar não é a cruz de escravos, mas a cruz de servos. O servo é livre ideologicamente. “Se alguém me serve, siga-me; e, onde eu estiver, ali estará também o meu servo. E se alguém me servir, o meu Pai o honrará” (Luc. 16:13). Ele trabalha, certo de que será recompensado pelo seu Senhor e pode escolher a quem servir. Por outras palavras, ele pode escolher levar ou não a sua cruz. É livre.

E, ainda hoje, é nela que a nossa libertação eterna da escravidão está garantida. Levando-a sobre os nossos ombros, cada dia, temos vida em nós e liberdade para oferecer àqueles que são escravos do mundo, presos às correntes da morte.

Um Deus que levou a cruz de servo

O povo de Israel aponta para Aquele que enfrentaria o verdadeiro e mais temível deserto de tentações e provações que um ser humano pode suportar. Quando Maria beijava a criança que estava nos seus braços, estava a beijar a face do seu Criador. Impossibilitada de frequentar as grandes escolas da sua época, esta Criança fora dedicadamente burilada através de mãos humanas e ensinada a carregar, desde a juventude, a cruz de um servo. Dia após

dia, o pequeno Jesus sentava-Se aos pés da Sua prestimosa e humilde mãe e professora. Maria tinha tal poder ao ensinar que, ainda muito jovem, Jesus foi achado a ensinar, no templo, os doutores da Lei. A eficiência e o sucesso no ensino estão em saber de onde emana o poder para ensinar. O grande compromisso do ensino cristão está em não colocar sobre os ombros dos alunos cruzes que não sejam a cruz da liberdade para a salvação, a cruz que no momento da grande provação deste mundo possibilite aos jovens salvação num olhar.

No Seu ministério, o fardo da cruz que a sua própria mãe Lhe ensinara, por inspiração divina, a levar, torna-se cada momento mais pesado. Aqueles doutores, que outrora se admiravam no templo do pequeno Jesus, tinham cruzes teológicas cujos

O povo de Israel aponta para
Aquele que enfrentaria o
verdadeiro e mais temível
deserto de tentações e
provações que um ser
humano pode suportar.





dogmas e filosofias eram escravizantes. A cruz que nos escraviza torna-nos cegos para nos impossibilitar de ver como podemos ser livres, sendo servos.

E quando a cruz de Cristo se confronta com a cruz teológica da escravidão, as filosofias, as intelectualidades, os dogmas que obrigam, as obras que “salvam” são iluminados pela luz que emana da cruz e tudo o que se vê são trapos de imundície. Cegos pelas aparências, pensavam eles que a cruz que estavam a carregar era a cruz que conduziria à salvação.

Aquela, pensavam os Judeus, não era a vida para um Messias. Segundo eles, o papel de servo não era um papel para um Messias digno, e transportar uma cruz não é tarefa para um Messias. Através das boas obras julgavam ser eles capazes de carregar a cruz que pertencia a Cristo. E o inimigo pôs sobre eles a cruz errada; em vez da cruz do serviço e renúncia, ele pôs a cruz da escravidão sob dogmas e leis, a cruz das obras.

A cruz de servo, a cruz que liberta, a cruz que ilumina, a cruz da dependência do Pai; levá-la sobre os nossos ombros é a nossa parte na salvação. Não é nossa tarefa carregar a cruz que Ele já carregou em nosso lugar.

A cruz que o nosso Salvador levou sobre os Seus ombros durante toda a Sua vida terrestre, enfrentando nos desertos da tentação as mortíferas picadas da maior de todas as serpentes, isto é, Satanás, enfrentando fome e sede, sem ter lugar adequado para reclinar a cabeça, foi finalmente erguida à semelhança do povo de Israel, para a sua salvação e de toda a raça humana. O que o povo de Israel enfrentara no deserto era um prenúncio do que o próprio Deus enfrentaria na Sua vida aqui na Terra.

A cruz que foi erguida para a salvação do povo de Deus no deserto foi a mesma que suportou o peso do Salvador no Calvário para a salvação de todos os que viveram, vivem e viverão.

Diz Monier Vinard: “Quem não sacrifica nada, não ama. Quem sacrifica pouco, ama pouco. Quem sacrifica tudo, ama totalmente.” Tudo evolui, mas a cruz de Cristo permanece para novas conquistas, novos sacrifícios e novos triunfos sobre o mal. Não crê, quem não crê até à morte; não ama, quem não ama até ao sacrifício supremo. Aquele, de Quem os Cristãos tomaram o nome e é o seu Comandante, banhou a cruz com o Seu sangue, abraçou-a como objeto há muito deseja-

do, morreu sobre ela para vencer a morte e nos libertar da destruição eterna. O triunfo da cruz será o triunfo total da justiça e da verdade. Todos assistirão a ele, todos participarão dele, mas nem todos da mesma forma. Só aqueles que combateram pela cruz de servo e não se envergonharam dela triunfarão com ela nesse dia, coroados de glória para toda a eternidade.

Somos salvos, ou não, das peçonhentas picadas do tentador, dependendo da cruz que temos levado cada dia. Ela fará a diferença na hora da provação e do assédio nos desertos da vida. Se aceitarmos carregar a cruz de servos, a salvação e a vida nos estarão asseguradas num olhar. Num olhar, porque o que havia a ser feito já foi feito por Aquele que banhou a cruz com o Seu próprio sangue. Mas aqueles que não escolheram carregar a cruz de servos do Altíssimo, por medo, por interesses pessoais ou por conveniência, já estão a levar sobre os ombros a cruz de escravos, e face ao Gólgota assumirão as suas consequências. Não será mais o Messias que será morto. Eles é que serão pregados nessa cruz como escravos da morte eterna. ✦

• **Josemar Monteiro Oliveira**
Professor

O que quis Jesus dizer em Mateus 24:34 com a expressão “esta geração”?

“EM VERDADE VOS DIGO QUE NÃO PASSARÁ ESTA GERAÇÃO, SEM QUE TODAS ESTAS COISAS ACONTEÇAM” (MATEUS 24:34).

Mateus 24:34 tem sido vista como uma das passagens mais difíceis do Novo Testamento. C. S. Lewis chamou a esta passagem “o versículo mais embaraçoso da Bíblia”.¹ Este versículo tem sido frequentemente citado por Judeus, Muçulmanos e agnósticos como um dos principais argumentos contra Cristo, contra o Cristianismo e contra o Novo Testamento. Se Jesus predisse que Ele voltaria na Sua geração, como muitas pessoas têm interpretado Mateus 24:34, então a Sua predição falhou claramente, e a veracidade das Suas pretensões messiânicas, do Cristianismo em geral e das Escrituras do Novo Testamento é colocada em questão. Será que Jesus predisse erradamente que o Seu Segundo Advento ocorreria no primeiro século da nossa era?

Muitos Adventistas do século XIX viram esta passagem como tendo por contexto a referência aos sinais da Segunda Vinda de

Cristo, nos versículos 27-51, e interpretaram-na como uma promessa de que Cristo certamente viria no período de vida daqueles que tinham testemunhado os sinais cósmicos ligados ao Grande Reavivamento do Segundo Advento do final do século XVIII e início do século XIX. A passagem do tempo e a morte daqueles que tinham sido testemunhas destes sinais desiludiu muitos crentes que participavam no nascente movimento Adventista do Sétimo Dia. A pergunta permanece: A profecia de Mateus 24:34 falhou?

O significado de “estas coisas”

A chave para abrir o significado de Mateus 24:34, e de todo o capítulo, encontra-se no padrão que se observa nas palavras usadas no contexto histórico dos versículos 1-3. No versículo 1, os discípulos indicaram a Jesus os magníficos edifícios do templo de Jerusalém, e, no versículo 2, Jesus responde: “Não vedes todas estas coisas? Em verdade vos digo que não ficará

aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada.” Neste versículo, a palavra grega *tauta*, traduzida por “estas coisas”, refere-se claramente ao templo de Jerusalém no contexto da sua iminente destruição. Então, no versículo 3, sentando-se Jesus no Monte das Oliveiras, que permitia ver o templo, os discípulos aproximaram-se d’Ele privadamente e perguntaram: “Diz-nos, quando serão estas coisas [*tauta*], e que sinal haverá da tua vinda [*parousia*] e do fim [*synteleia*] do mundo?”

Note que os discípulos colocam basicamente duas questões: (1) sobre as *tauta* (“estas coisas”), expressão que, dado o contexto do versículo anterior, se refere claramente à destruição do templo de Jerusalém; e (2) sobre o sinal da *parousia* (“vinda”) e da *synteleia* (“fim”) do mundo. Estes termos em Mateus referem-se sempre à Segunda Vinda de Cristo.² Os discípulos, com a sua limitada compreensão da missão messiânica de Jesus, provavel-



hão de vir sobre esta geração [epi ten genean tauten]” (v. 36).

“Esta geração” e a destruição de Jerusalém

Se se considera que a expressão “esta geração” se refere à geração contemporânea de Jesus, isto é, refere-se àqueles com quem Ele estava a falar em 31 d.C., e se supusermos que a duração de uma geração no pensamento bíblico é de cerca de quarenta anos,⁴ então a destruição de Jerusalém (70 d.C.) ocorreu exatamente a tempo, antes da geração de Jesus ter morrido (31 d.C. + 40 anos = 70 d.C.).

Assim, resumindo, podemos afirmar que Mateus 24:34 afirma que “esta geração”, *i. e.*, a geração contemporânea de Jesus, não morreria até que todas “estas coisas”, *i. e.*, os eventos implicados na destruição de Jerusalém em 70 d.C., ocorressem. E dado que o versículo 34 não se refere ao Segundo Advento, a profecia não só não *falhou*, como foi *cumprida* mesmo a tempo no primeiro século da nossa era! ✨

• **Richard M. Davidson**

mente não distinguiam entre estes dois eventos, mas é evidente que Jesus esboça uma cuidadosa distinção no Seu discurso do Monte das Oliveiras, baseada precisamente na terminologia que Ele e os Seus discípulos tinham usado. Em todo o capítulo 24 de Mateus, o termo *tauta* – “estas coisas” – refere-se sempre aos eventos ligados à destruição de Jerusalém, e os termos *parousia* (“vinda”) e *syntelesia* (“fim”) referem-se a eventos relacionados com a Segunda Vinda de Cristo.³

“Estas coisas” como uma referência a eventos contemporâneos da geração de Cristo

À luz deste padrão, que é seguido em todo o capítulo, estamos prontos para ver mais de perto o versículo 34: “Em verdade vos digo que não passará esta geração, sem que todas estas coisas [tauta] aconteçam.” A que se refere a expressão “estas coisas”? De forma consistente com o seu uso noutras partes do capítulo, ela refere-se aos eventos implicados na

destruição de Jerusalém. Não se refere à Segunda Vinda de Cristo.

Pode-se obter a confirmação de que o versículo 34 está a referir-se à geração do primeiro século da nossa era graças à análise da totalidade do uso da expressão “esta geração” (*he genea haute*). Uma vista de olhos ao modo como esta expressão é usada noutras partes do Evangelho de Mateus revela que ela denota sempre a geração contemporânea de Jesus (veja Mateus 11:16; 12:41 e 42, 45; 23:36).

Finalmente, se perspetivamos Mateus 24:34 no contexto mais amplo dos aís de Jesus sobre os Escribas e Fariseus registados no capítulo anterior, verificamos que existe um estreito paralelo com a fraseologia da predição de Jesus. Em Mateus 23, o contexto é claramente a condenação dos líderes judeus por rejeitarem Jesus, sendo pronunciado o juízo sobre Israel enquanto entidade sócio-política: “Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta” (v. 38). No versículo precedente vem o paralelo com a nossa passagem: “Em verdade vos digo que todas estas coisas [tauta]

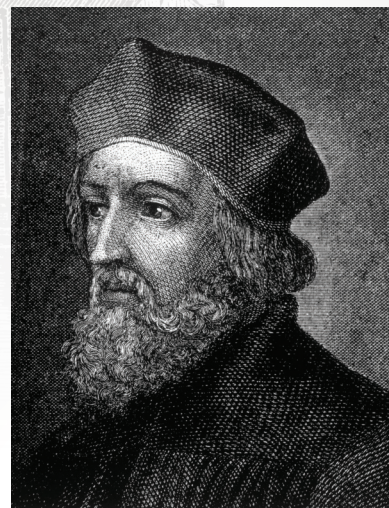
1. C. S. Lewis, “The World’s Last Night”, in *The Essential C. S. Lewis*, ed. Lyle W. Dorsett, New York, NY: Touchstone, Simon and Schuster, 1996, p. 385.

2. A palavra grega *parousia* (“vinda”) ocorre em Mateus apenas no capítulo 24 (vv. 3, 27, 37, 39), todas estas ocorrências referindo-se à Segunda Vinda de Cristo em glória. Para se constatar o uso consistente do termo *syntelesia* (“fim”) em Mateus, referindo-se ao “fim do mundo” (o Segundo Advento de Cristo), veja Mateus 13:39 e 40, 49; 28:20.

3. Para uma análise do uso consistente da terminologia em Mateus 24, veja Richard Davidson, “This Generation Shall Not Pass (Matt 24:34): Failed or Fulfilled Prophecy?” in *The Cosmic Battle for Planet Earth: Essays in Honor of Norman R. Gulley*, eds. Ronald A. G. Du Preez & Jiri Moskala, Berrien Springs, MI: Old Testament Department, Seventh-day Adventist Theological Seminary, Andrews University, 2003, pp. 307-319.

4. Note em especial a geração do deserto no tempo do Êxodo, que saiu de cena em quarenta anos (Núm. 14:29-34; 32:11 e 12; Deut. 1:34 e 35). É provável que Jesus tenha tomado emprestada a frase “esta geração má” (Mateus 12:45) do uso que dela é feito em Deuteronomio 1:35, no qual ela se refere à geração que morreu no decurso dos quarenta anos, e a versão abreviada “esta geração” provavelmente também tem a sua origem no uso que é feito da dita frase no Antigo Testamento.

Jan Hus, um homem com uma missão



Em 6 de julho de 1415, em Konstanz, a Catedral estava cheia. O ar parecia pesado enquanto Jacob Balardi Arrigoni, Bispo de Lodi, pregava, tendo por base o texto: “para que o corpo do pecado seja desfeito” (Rom. 6:6). Cardeais com as suas mitras estavam sentados em semicírculo em torno de um homem acorrentado, cujo corpo estava emaciado pela fome, depois de ter passado um ano na prisão. O Santo Imperador Romano, Sigismundo, ocupava o trono real. Na nave da Catedral, uma série de vestimentas sacerdotais estavam colocadas sobre uma mesa.

Para o homem acorrentado, esperava-o a tomada de uma decisão: retratar-se ou ir para a fogueira.

Ao lado da Catedral estava a fogueira que seria acesa.

Inícios

Jan Hus* nasceu em 1370 num lar camponês no Sul da Boémia (que hoje é parte da República Checa).¹ Tendo o seu pai morrido enquanto Jan ainda era criança,

este foi educado pela sua mãe, que instilou nele a piedade cristã e o influenciou a tornar-se sacerdote. Quando já era estudante, ele usou uma vez o último dinheiro que tinha para comprar uma indulgência, isto é, um certificado que assegurava o perdão dos pecados.

Em geral, o início da sua vida foi bastante comum, exceto no que tocava à sua ânsia de obter uma boa educação. Hus obteve o grau de Mestre em 1396 da Universidade de Praga e tornou-se muito conhecido quando, em 1402, foi nomeado pregador da Capela de Belém, em Praga, uma igreja fundada em 1391 para permitir a pregação da Palavra de Deus em língua comum.

Dois factos importantes tinham influenciado os cidadãos de Praga. Missionários valdenses tinham feito circular cópias das Escrituras em língua vernácula e dois missionários itinerantes tinham feito duas pinturas murais na cidade, nas quais contrastavam, por um lado, o humilde Jesus a entrar em Jerusalém

montado num burro, e, por outro lado, o Papa a entrar numa cidade rodeado de toda a pompa que o acompanhava.² Um fator igualmente importante que influenciou Praga nessa época foi a circulação de escritos de um Reformador inglês. “Wycliffe, Wycliffe”, escreveu Hus num destes escritos, “vais fazer virar muitas cabeças”.³ Hus contrabalançou a sua pregação na Capela de Belém com uma distinta carreira académica, mas a vida dos cidadãos de Praga em breve seria confrontada com escolhas.

Cisma

Os debates sobre os escritos de Wycliffe foram postos em segundo plano pela cisma papal (1378-1417), quando Papas rivais se anatemizavam mutuamente. Embora Hus nunca tivesse tomado diretamente parte no conflito, dois homens que lhe eram próximos desempenharam um papel ativo nele, o que, por sua vez, teve impacto sobre Hus.

O primeiro desses homens foi o rei Václav IV (Wenceslaus), que era um governante fraco e impopular, com um mau temperamento, e estava rodeado de conselheiros incompetentes.⁴ O reinado de



Václav (1378-1419) entrou numa espiral descendente, tendo, no entanto, sido marcado pela sua segunda mulher, Zofie. Esta rainha escolheu Hus como seu confessor, estando presente para ouvir os seus sermões na Capela de Belém, e usou a sua influência para promover a reforma religiosa e para proteger Hus.

O segundo homem que influenciou Hus foi Zbynek, o qual, em 1402, com vinte e cinco anos, ultrapassou os outros concorrentes ao obter o arcebispado de Praga pela soma de 2800 *gulden*. No entanto, sendo um mero militar piedoso, faltava-lhe formação teológica, pelo que era totalmente incompetente para administrar a Igreja na Boémia. Os escritos de Wycliffe foram declarados heréticos antes de Zbynek ter assumido o seu posto. À medida que o Cisma Papal se arrastava, foi suscitada na corte papal uma séria preocupação com o surgimento de heresias na Boémia.

Václav, pelo seu lado, esperava que, se fosse capaz de apoiar o Papa legítimo, ele poderia recuperar o título de Santo Imperador Romano, um título que perdera em 1400. Em 1409 ele transferiu o seu apoio do Papa

romano, Gregório XII, para o recém-eleito Papa pisano, Alexandre V. A tarefa de Zbynek era simples: eliminar a heresia e ajudar o rei Václav a reaver o título de Imperador, mas, depois de o rei ter retirado o seu apoio ao Papa de Roma, Zbynek recusou-se a reconhecer Alexandre V.

Hus era um pregador poderoso e carismático. À medida que prosseguia a luta pelo poder eclesiástico, ele condenou a corrupção papal. Em 1405, ele denunciou as supostas aparições do sangue de Cristo durante a Eucaristia como sendo uma série de embustes bem elaborados. Hus ridicularizava o poder que os sacerdotes pretendiam ter. Ele não tinha medo de condenar os abusos. “Estes sacerdotes merecem ser enforcados no inferno”, alertou ele, “porque são fornicadores, parasitas, avarentos e porcos gordos. São bêbados cuja barriga rosna com o vinho e cujo estômago está cheio a ponto do seu duplo queixo ficar pendente”. Hus argumentava que a simonia (a compra e venda de privilégios eclesiásticos) era a pior heresia e era um pecado contra o Espírito Santo.⁵ Durante a sua evolução espiritual, Hus virou-se para a Bíblia como sendo o cânone para deter-

minar todos os aspetos da doutrina e do estilo de vida cristão.

Hus usou o termo “os gordos do Senhor” para denunciar aqueles que se envolviam na simonia e na prática de comprar cargos eclesiásticos. Esta denúncia inequívoca colocou-o em confronto direto com o seu arcebispo, Zbynek, que tinha comprado o cargo. Hus estava também desavindo com muitos dos seus colegas sacerdotes, pois estes exigiam um pagamento antes de administrarem os sacramentos. Alguns membros do Clero até compravam múltiplos cargos eclesiásticos sem nunca se colocarem ao serviço dos fiéis. Pior do que tudo, as Escrituras tinham sido eclipsadas por causa da tradição da Igreja.

Hus confrontou diretamente o arcebispo: “Como é possível que sacerdotes fornicadores e criminosos caminhem livremente pelas ruas, enquanto sacerdotes humildes são presos como heréticos e são exilados apenas por ensinarem o Evangelho?”⁶

Uma confrontação tão direta fez de Zbynek um inimigo jurado de Hus. Zbynek passou a enviar frequentemente espiões para ouvirem os sermões de Hus. Numa ocasião, Hus abordou um desses

espiões a partir do púlpito: “Ei! Tu aí, de capuz! Toma bem nota disto e leva-o até lá”, disse ele ao infiltrado, ao mesmo tempo que apontava para a residência episcopal.⁷ Hus foi posteriormente citado perante um tribunal, mas defendeu-se com sucesso graças ao apoio da rainha e do público.

Zbynek acusou Hus junto do Papa Alexandre V, o qual emitiu uma bula papal que ordenava a realização de uma investigação do crime de heresia e exigia que deixasse de haver pregação das Escrituras em capelas privadas. Hus falou publicamente contra a bula, o que levou a uma reação ainda mais hostil de Zbynek. Assim, em 16 de julho de 1410 mais de 200 obras de Wycliffe foram queimadas em praça pública.

“Eu considero isto um mau negócio”, respondeu Hus. “Até agora tais fogueiras nunca removeram o pecado do coração dos homens. O fogo não consome a verdade. É sempre a marca de que se tem uma

mente mesquinha quando se descarrega a cólera sobre objetos inanimados. Os livros que foram queimados fazem falta a todo o povo.”⁸

O rei e o arcebispo aumentaram a parada, o que culminou numa declaração de excomunhão dirigida contra Hus em fevereiro de 1411. Mas Zbynek acabou por ser obrigado a recuar e a ilibar Hus de todas as acusações. No processo que era suposto justificar Hus, o arcebispo transferiu estrategicamente a declaração pública final para a cidade de Bolonha. O rei, temendo que se tratasse de uma armadilha, proibiu Hus de ir. “Se alguém quer acusar Hus de qualquer crime, que o faça aqui no nosso reino. [...] Não é correto entregar este útil pregador à discriminação dos seus inimigos.”⁹ É provável que a rainha Zofie tenha inspirado a manobra protetora do rei Václav.

Indulgências

As manobras políticas em Itália levaram a um ressurgir das in-

dulgências. Em 1412, o Papa João XXIII (um dos três Papas que surgiram durante o Cisma Papal) proclamou uma cruzada contra o rei de Nápoles, que tinha conquistado Roma. De modo a recolher fundos para esta nova iniciativa, o Papa começou uma ampla venda de indulgências. Os fundos recolhidos na Boémia deveriam ser divididos com o rei, pelo que até Václav tinha a ganhar com a iniciativa. Praga tornou-se rapidamente num centro de venda das indulgências.

Hus, mais uma vez, expressou a sua indignação, usando as Escrituras para condenar a venda das indulgências. Ele mal podia acreditar que uma guerra santa estava a ser planeada para fortalecer o poder do Papado. Agora, Hus foi intimado a comparecer perante o novo arcebispo de Praga, Albík. “Mesmo que o fogo destinado a queimar o meu corpo fosse colocado perante os meus olhos”, afirmou ele de modo desafiador, “eu



não obedeceria”.¹⁰ O rei ordenou a Hus que se submetesse à autoridade eclesiástica.

Até então Hus tentara reformar a Igreja a partir do interior. Mas agora tudo tinha mudado. “Numa palavra, a instituição papal está cheia de veneno, é o próprio anticristo, o homem do pecado, o líder do exército do diabo, um membro de Lúcifer, o vigário-chefe do demônio, um simples idiota que pode ser um diabo danado no inferno e um ídolo mais horrível do que uma imagem pintada.”¹¹

Os protestos ficaram descontrolados em Praga. A pregação de Hus eletrizou o povo. Três manifestantes foram decapitados, se tornando-se nos primeiros mártires Hussitas. Toda a questão se tornou num embaraço para o rei Václav, o qual denunciou Hus como sendo um perturbador do povo. Até mesmo a rainha Zofie foi incapaz de sustentar a cólera do rei. As condições para uma reconciliação eram simples: Hus devia concordar que o Papa é o chefe da Igreja e devia obedecer. Hus recusou qualquer compromisso e foi excomungado pela quarta vez. Praga foi colocada sob o interdito (i. e., não poderiam ser realizados serviços litúrgicos e cerimônias religiosas) e, a 15 de outubro de 1412, Hus retirou-se para um exílio voluntário. “Sou um fugitivo”, escreveu ele a um amigo.¹²

O Concílio

No fim de 1414, o Papa João XXIII reuniu um Concílio em Konstanz com dois propósitos: pôr fim ao Cisma Papal e erradicar a heresia. Hus aceitou um convite para estar presente no Concílio. A 11 de outubro de 1414, ele redigiu o seu testamento e partiu, montado no seu cavalo Rabstyn. Os seus amigos avisaram-no de que

HUS OROU A DEUS, PEDINDO QUE LHE DESSE FORÇA PARA PERMANECER FIEL A CRISTO E ÀS ESCRITURAS E, INDEPENDENTEMENTE DE QUAL FOSSE A DECISÃO JUDICIAL QUE O CONCÍLIO EMITISSE, ELE FAZIA NOTAR QUE TODOS OS SERES HUMANOS DEVEM RESPONDER PERANTE O JUÍZO DE DEUS.

se tratava de uma armadilha, mas o imperador Segismundo, meio-irmão do rei Václav, concedeu a Hus um salvo-conduto. Ao longo do caminho, um arauto anunciava que havia um perigoso homem acorrentado a uma carroça que tinha a capacidade de ler a mente. Esta publicidade criou oportunidades para Hus partilhar a sua fé. Em cada estalagem em que ficava, ele deixava uma cópia impressa dos Dez Mandamentos.¹³

Quando Hus chegou a Konstanz, o local do Concílio, ele fez notar numa das suas primeiras cartas o elevado preço da comida.¹⁴ Isto pode ter refletido, ao menos parcialmente, a sua preocupação com o dinheiro, pois ele tinha pedido emprestado dinheiro para pagar a sua viagem. Durante este período inicial do Concílio, as suas cartas endereçadas aos amigos são até um pouco divertidas. Ele gostava de brincar com o seu nome “Hus” (que significa “ganso”), fazendo notar que “o ganso ainda não está cozinhado e não tem medo de ser cozinhado”.¹⁵ Uma semana depois, Hus foi preso.

Preso numa escura e bafenta prisão Dominicana, ele ficou doente. Em algumas das suas cartas ele pede que lhe sejam enviadas roupas quentes e comida. Hus estava a perecer à fome e teria morrido de doença, se um médico papal não o tivesse transferido para um local mais habitável. À medida que recuperava, Hus pediu várias vezes uma Bíblia aos seus amigos. O seu coração ansiava por estudar as Escrituras. Também era penoso para Hus o facto de estar privado de participar na Comunhão.¹⁶ Hus sabia como era grave a sua situação, avisando os seus amigos de que não deveriam abrir as suas cartas até que estivessem certos da sua morte.¹⁷

Hus orou a Deus, pedindo que lhe desse força para permanecer fiel a Cristo e às Escrituras e, independentemente de qual fosse a decisão judicial que o Concílio emitisse, ele fazia notar que todos os seres humanos devem responder perante o juízo de Deus.¹⁸ À medida que o Concílio progredia, podemos ver uma das mais profundas contribuições teológicas de Hus, que lançou as

bases para a Reforma Protestante um século mais tarde: Ele defendia que era Cristo, não o Papa, a verdadeira cabeça da Igreja.¹⁹ Um estudo minucioso das Escrituras levou-o finalmente a condenar a Igreja que ele, inicialmente, esperava reformar. Ele reconheceu que nem todos os crentes são automaticamente membros da Igreja Católica. Em vez disso, uma pessoa pode ser “da Igreja”, isto é, ser um genuíno membro da Igreja de Cristo, mesmo se ela não faz parte da Igreja de Roma. Hus amadureceu no que toca à sua compreensão da Igreja. Assim, ele desenvolveu uma eclesiologia que se afastava de Roma, pelo que preparou o caminho para a Reforma Protestante.²⁰

Logo que Hus fez esta distinção entre a Igreja Romana e a Igreja de Cristo, não foi muito difícil para ele ver que os mortais, incluindo os Papas e os Concílios, podem errar. Por isso, Hus defendeu a autoridade bíblica. As Escrituras devem sobrepor-se supremamente a toda

a autoridade humana. “Por esta verdade [da fé], devido à sua certeza, um homem deve arriscar a sua vida. E deste modo um homem não está obrigado a crer nos ditos dos santos que estão em contradição com as Escrituras; nem deve ele acreditar nas bulas papais, exceto na medida em que aquilo que elas dizem está fundado simplesmente nas Escrituras.”²¹

Tomadas em conjunto, a visão de Hus sobre a Igreja combinada com a sua compreensão sobre a autoridade suprema das Escrituras representaram uma censura severa da Igreja Romana e da sua hierarquia. A vida de Hus demonstra o desenvolvimento gradual de um homem que descobriu a sua missão. Ele acreditava que toda a autoridade deveria assentar apenas na Bíblia. Neste sentido, “Hus não foi um teólogo original”.²² Em vez disso, a sua perícia teológica consistiu em tomar para si as ideias de Wycliffe enquanto rejeição radical de um sistema de poder defeituoso que se tinha de-

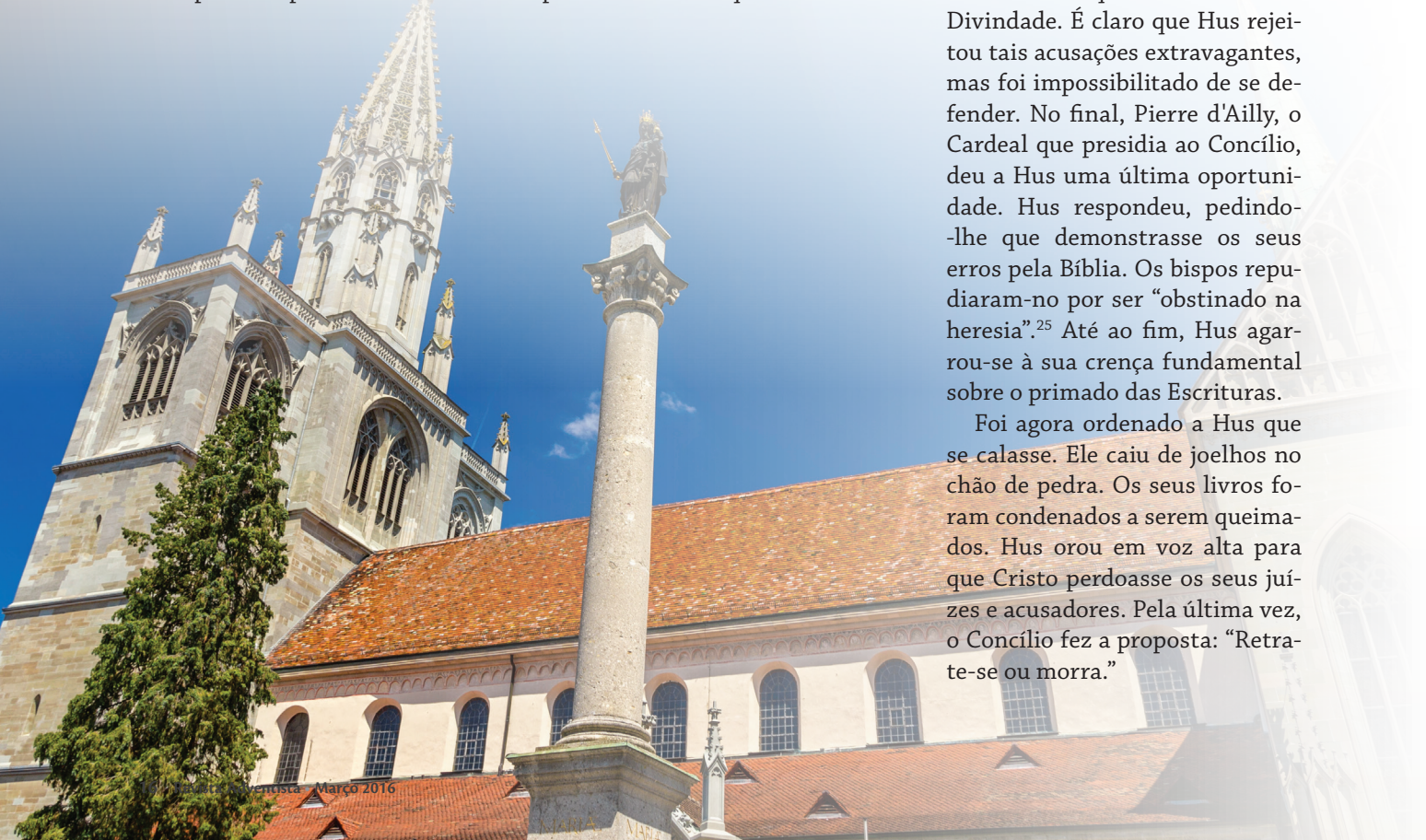
envolvido no interior da Igreja. Deste modo, o ministério de Hus serviu quase como um “ensaio” para os posteriores Reformadores Protestantes, especialmente para Martinho Lutero, que se referiu frequentemente a Hus.²³

“O ganso cozinhado”

À medida que o Concílio de Konstanz prosseguia nos seus trabalhos, Hus tentou inicialmente refutar as acusações e defender-se, mas a sua voz foi repetidamente abafada pelos gritos dos Padres Conciliares que o denunciavam como sendo arrogante ou teimoso. Uma destas pessoas, um bispo polaco, gritou: “Não permitam que ele se retrate; pois mesmo que ele se retrate, ele não manterá a sua palavra.”²⁴

A sessão final aconteceu a 6 de julho. Foram apresentadas trinta acusações formais contra o herético acusado. Algumas eram simplesmente inaceitáveis – uma delas até insinuava que Hus acreditava ser o quarto membro da Divindade. É claro que Hus rejeitou tais acusações extravagantes, mas foi impossibilitado de se defender. No final, Pierre d'Ailly, o Cardeal que presidia ao Concílio, deu a Hus uma última oportunidade. Hus respondeu, pedindo-lhe que demonstrasse os seus erros pela Bíblia. Os bispos repudiaram-no por ser “obstinado na heresia”.²⁵ Até ao fim, Hus agarrou-se à sua crença fundamental sobre o primado das Escrituras.

Foi agora ordenado a Hus que se calasse. Ele caiu de joelhos no chão de pedra. Os seus livros foram condenados a serem queimados. Hus orou em voz alta para que Cristo perdoasse os seus juizes e acusadores. Pela última vez, o Concílio fez a proposta: “Retra-te-se ou morra.”



O bispo de Lodi proferiu então o seu sermão sobre destruir o corpo do pecado. Depois, sete bispos vestiram Hus com as vestes sacerdotais. Ele foi excomungado. Cada um dos sete bispos, à vez, arrancou as vestes do seu corpo, dizendo: “Ó amaldiçoado Judas... tiramos-te a taça da redenção.” Terminaram a cerimônia com as palavras: “Entregamos a tua alma ao Diabo.” Coroado com uma mitra de papel com a inscrição “Este é um Here-siarca”, ele foi então conduzido através das ruas de Konstanz até ao local de execução. Hus foi acorrentado ao poste com uma corrente cheia de fuligem e foi empilhada lenha até ao seu queixo.

Ele pronunciou então as suas últimas palavras: “Deus é minha testemunha que a principal intenção da minha pregação e de todos os meus outros atos ou escritos foi a de desviar os homens do pecado. E é por essa verdade do Evangelho – de que escrevi, que ensinei e que preguei, sempre de acordo com os ditos e as explicações dos santos doutores – que estou disposto a morrer hoje.” À medida que as chamas e o fumo subiram, podia-se ouvir a voz de Hus cantando: “Jesus, Filho do Deus vivo, tem piedade de mim.”²⁶ Finalmente, “o ganso era cozinhado”.

A missão de exaltar as Escrituras

Durante toda a sua vida, Hus desenvolveu uma teologia do sofrimento. Ele foi ferozmente leal à Igreja, o que é bastante irónico, pois foi a Igreja que o condenou à morte. “Ele uniu a sua consciência à verdade e recusou-se a desviar-se do caminho da verdade, independentemente do custo ou das consequências, sem considerar a sua segurança pessoal ou o seu destino final.”²⁷ Para Hus, as

Escrituras eram a fonte de toda a verdade sobre Jesus Cristo. E sendo um homem que cumpria uma missão, ele exaltou Jesus Cristo, que sofreu por ele, como seu verdadeiro modelo. De facto, era um privilégio sofrer por Cristo. “Não temas morrer por Cristo, se desejaste viver com Cristo”, disse ele a um sacerdote.²⁸ Sendo um homem que cumpria uma missão, isto significava que ele iria manter-se do lado da verdade, fossem quais fossem as consequências.

Nos últimos dias que conduziram à sua morte, Hus foi atormentado por uma série de sonhos. Em alguns deles, ele foi assombrado por pensamentos negros e de mau agouro. Num destes sonhos viu um grupo de pintores que destruíam as paredes da sua amada Capela de Belém, onde estavam pintadas cenas bíblicas. À medida que os vândalos destruíam as pinturas, viu um outro grupo de pintores que tornavam a pintar as cenas bíblicas com cores ainda mais vivas.²⁹ Ele acreditou até ao fim que, se fosse a vontade de Deus, Este podia poupar-lhe a vida, tal como tinha feito com muitos outros indivíduos no curso da história da salvação. No entanto, ele também sabia que talvez Deus tivesse um propósito ao permitir o seu martírio. Durante a sua execução, diz-se que ele disse: “Vão agora queimar um ganso, mas dentro de um século terão um cisne que não poderão assar ou cozer.”³⁰

Hus deu origem a um movimento. Ele rejeitou qualquer doutrina ou prática que não se encontrasse na Bíblia. Semelhantemente, ele denunciou o abuso de poder no interior da Igreja. A sua insistência teimosa sobre o primado das Escrituras levou um visitante papal a rotulá-lo com sendo o herético mais perigoso

desde que Cristo tinha vindo à Terra!³¹ Hus colocou a autoridade da Bíblia acima da autoridade da Igreja. Assim, talvez o maior tributo prestado a este homem empenhado numa missão tenha sido a tradução da Bíblia na língua checa, a *Bíblia de Kralice*, que ainda é usada hoje. ❖

• **Michael W. Campbell**

Doutor em História da Igreja

*O autor utiliza a grafia original “Jan Hus” para o nome deste arauto da Reforma. Outros autores utilizam a grafia “Johannes Huss”.

1. Alguma da informação biográfica básica sobre Hus é retirada de Thomas A. Fudge, *The Memory and Motivation of Jan Hus, Medieval Priest and Martyr*, Turnhout: Brepols Publishers, 2013; *The Trial of Jan Hus: Medieval Heresy and Criminal Procedure*, New York: Oxford University Press, 2013; *Jan Hus: Religious Reform and Social Revolution in Bohemia*, London: I. B. Tauris, 2010.
2. Veja Ellen G. White, *The Great Controversy*, Mountain View, CA: Pacific Press, 1911. White baseou o seu relato sobre Hus nas obras de J. H. Merle d'Aubigné e J. A. Wylie, historiadores do século XIX.
3. Thomas A. Fudge, “To Build a Fire”, *Christian History* 68(4), 2000, pp. 10-18.
4. Jonathan Hill, *The History of Christian Thought: The Fascinating Story of the Great Christian Thinkers and How They Helped Shape the World as We Know It Today*, Downers Grove, IL: IVP Academic, 2003, p. 172.
5. *The Letters of John Hus*, tr. Matthew Spinka, Manchester: Manchester University Press, 1972, pp. 5 e 6.
6. Jan Hus ao Arcebispo Zbynek, 6 de julho de 1408, in *The Letters of John Hus*, p. 22.
7. Citado por Fudge, “To Build a Fire”.
8. *Ibidem*.
9. *Ibidem*.
10. *Ibidem*.
11. *Ibidem*.
12. *The Letters of John Hus*, p. 92.
13. *Idem*, pp. 126, 132.
14. *Idem*, p. 130.
15. Citado por Fudge, “To Build a Fire”.
16. Veja as *The Letters of John Hus*, pp. 135, 153-155.
17. *Idem*, p. 121.
18. *Idem*, p. 148.
19. Cf. *The Letters of John Hus*, pp. 96-101. Para uma abordagem mais ampla da Eclesiologia de Hus, veja-se Matthew Spinka, *John Hus' Concept of the Church*, Princeton, NJ: Princeton University Press, 1966.
20. Gregg R. Allison, *Historical Theology: An Introduction to Christian Doctrine*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 2011, pp. 576 e 577.
21. John Hus, *De Ecclesia*, tr. David S. Schaff, New York: Scribner's, 1915, citado por Allison, *Historical Theology*, p. 84.
22. Hill, *The History of Christian Thought*, p. 175.
23. *Idem*, p. 176.
24. Citado por Fudge, “To Build a Fire”.
25. *Ibidem*.
26. *Ibidem*.
27. Fudge, *The Memory and Motivation of Jan Hus*, p. 247.
28. *The Letters of John Hus*, p. 170.
29. *Idem*, p. 149.
30. Hill, *The History of Christian Thought*, p. 176.
31. *The Letters of John Hus*, p. 161.

SEMINÁRIO SAÚDE E ALIMENTAÇÃO – APRENDER A VIVER MELHOR

Júlia Cordas
Departamento de
Comunicação da ICAOD

Motivadas pela necessidade de promover a saúde e o bem-estar global do ser humano, as igrejas Adventistas de Oliveira do Douro e do CAOD quiseram proporcionar aos seus membros, bem como à população em geral, a possibilidade de aprofundarem conhecimentos sobre o modo como a alimentação condiciona e determina o estado da saúde física, mental e emocional do ser humano.

Assim, as igrejas do CAOD e de Oliveira do Douro, em parceria, promoveram um seminário que decorreu de 27 a 29 de novembro de 2015 num confortável auditório, graciosamente cedido pela Associação Oliveirense de Socorros Mútuos.


O seminário foi dirigido pelo Doutor Luís Nunes, professor catedrático, especialista em Saúde Pública, Epidemiologia e Bioestatística. Foram muito relevantes os conhecimentos que o investigador partilhou e muito objetivas as indicações práticas que forneceu no sentido de serem adotados hábitos alimentares promotores da

saúde. A qualidade das suas intervenções justificou a presença de um público muito participativo e de uma plateia sempre totalmente lotada.

Num ambiente caloroso e descontraído, o público degustou algumas excelentes receitas vegetarianas, preparadas por membros das igrejas envolvidas e no final cada participante recebeu literatura sobre o tema: a brochura *Adote um hábito saudável por semana* e o livro *Saúde e Bem-Estar: segredos que mudarão a sua vida*. Registam-se alguns números com significado: Participaram 102 pessoas, das quais 22 foram visitas trazidas pelos membros das



duas igrejas envolvidas; foram entregues 52 certificados, 7 dos quais a visitantes.

Agradecemos a Deus mais esta oportunidade de aprofundarmos todo o conhecimento que põe ao nosso dispor para que possamos *Viver Mais*. 

COLÓQUIO ADRA 2016 – “UMA IGREJA ATENTA ÀS NECESSIDADES PRESENTES”

Redação RA/Ad7

Integrado no Encontro Nacional da ADRA, realizado no fim de semana de 13 e 14 de fevereiro, realizou-se, na igreja de Lisboa-Central, na tarde de Sábado, um colóquio com o título: “Qual o Papel Diferenciador da Ação Social Adventista?”

Organizado pela ADRA Portugal, este colóquio contou com a participação do Dr. Johnatan Duffy, Presidente da ADRA Internacional, e do Pastor Mário Brito, Presidente da Divisão Inter-Europeia, tendo apresentação e moderação de Paulo Sérgio Macedo e tradução de Miguel Mateus.

Ao longo de duas horas e meia, os oradores convidados refletiram sobre temas relacionados com a responsabilidade do Cristão e

da Igreja para com os mais desfavorecidos; a preparação da Igreja e das comunidades locais para lidar com as situações de carência e para acolher e apoiar os que estão à sua volta; as preocupações e os desafios mais prementes que é possível detectar, em Portugal e na Europa; a tensão e o equi-

líbrio existentes entre o valor intrínseco de responder às necessidades do próximo e o mandato de partilhar a mensagem espiritual do Evangelho.

Dando resposta à questão fulcral do debate – o que, no fundo, diferencia a ação social Adventista – Jonhatan Duffy referiu que, na sua

opinião, os Adventistas e as suas instituições de ação social caracterizam-se por uma “profunda e incontornável paixão pelo indivíduo”, enquanto Mário Brito destacou uma característica “visão do ser humano no seu todo, nas diversas, mas unidas, vertentes da existência”, bem como que, “num mundo em que cada vez menos as pessoas conhecem Deus e acreditam na Sua Palavra, este é um meio de aproximação por excelência”.

Para além das entrevistas do moderador, os oradores responderam a questões colocadas por uma numerosa e interessada assistência na sala, bem como de espectadores que assistiram através da transmissão realizada pelo *Hope Channel Portugal*. De salientar também a participação no debate dos organizadores,



Cármem Maciel, Diretora da ADRA Portugal, e João Carlos Martins, Diretor da ADRA Europa, naquele que foi o primeiro evento

de âmbito nacional após as suas nomeações.

No final, foi destacado pelos presentes o interesse do tema e do debate, concluindo-

do-se que a ação social é, por um lado, uma responsabilidade individual do Cristão, e, por outro, o ramo de uma Igreja que partilha a verdade

presente, sem perder de vista a resposta às necessidades presentes, com paixão por cada ser humano, *Mudando Uma Vida de Cada Vez.*

ENCONTRO DE CASAIS EM ANGRA DO HEROÍSMO

Elias de Godoy
Pastor da IASD de Angra do Heroísmo

A igreja Adventista de Angra do Heroísmo realizou um encontro de casais entre os dias 13 e 15 de novembro de 2015. O local escolhido foi o Hotel Caracol, na cidade de Angra. As atividades desenvolveram-se inicialmente na igreja, na sexta-feira à noite, e tiveram continuidade durante o sábado de manhã. A partir de sábado à tarde, já no Hotel, os quinze casais usufruíram de palestras que tiveram por tema o matrimónio, puderam conviver entre eles através de um jantar especial e pernoitaram no conforto do Hotel. A tudo isto veio

aliar-se a linda paisagem à beira-mar. As mulheres receberam uma surpresa adicional: uma serenata oferecida pelos maridos. O evento foi promovido e organizado pelo Departamento de Lar e Família da igreja local, que está a cargo de Elias Godoy, pastor da igreja, e da sua esposa, Patrícia, tendo sido o próprio pastor o palestrante. Foram apresentados palestras e testes que descontraíram, emocionaram e apelaram ao mútuo perdão e à plena reconsagração espiritual dos casais. Como parte do programa, todos puderam participar numa cerimónia de Santa Ceia, que muito contribuiu para desenvolver a vertente espiritual dos participantes. Para além de promover a conservação dos



membros, o evento proporcionou também uma oportunidade de evangelismo, pois fizeram parte do grupo quatro casais visitantes, que não eram Adventistas. O projeto foi trabalhoso e desafiou a nossa realidade eclesial; mas ao ver a participação, a ale-

gria, a satisfação e a gratidão dos casais, e ao sentirmos as bênçãos de Deus, cremos que valeu a pena! Sabemos que é necessário investir nos nossos casais e nos seus lares, por ser o casamento uma instituição tão ameaçada nos nossos dias.

BATISMOS EM ALBUFEIRA

Luís Carlos Fonseca
Pastor da IASD de Albufeira

Na tarde do sábado 7 de novembro, a igreja de Albufeira recebeu amigos, visitas e irmãos de Quarteira e de Albufeira para os batismos de Beatriz Pinheiro e Stoian Cosmim. Stoian Cosmim chegou a Portugal vindo da Roménia no ano de 2010, deixando o seu país e os seus familiares em busca de melhores condições de vida. Ele teve muitas dificuldades em adaptar-se, pelo que procurou em algumas igrejas cristãs conforto e ajuda para superar o desafio de viver longe de casa. Há cerca de

três anos, Cosmim conheceu alguns colegas de trabalho que o convidaram a visitar a igreja Adventista de Albufeira. Começou então a frequentar a igreja de Quarteira onde alguns irmãos, juntamente com o pastor Alessandro Brachmann, o ajudaram no estudo da Bíblia. Esta é a história maravilhosa deste jovem, que veio até ao nosso país em busca de melhores condições de vida e acabou por encontrar Jesus Cristo, o Doador da Vida Eterna. Beatriz Pinheiro, filha de Adventistas, sentiu também o chamado para entregar-se a Jesus ainda na primavera da sua vida e está agora comprometida em anunciar a volta de Cristo.



Nesta mesma ocasião, a igreja de Albufeira recebeu igualmente, por profissão de fé, Fábio Junqueira e Ana Cleia Junqueira, que passam a pertencer à igreja de Albufeira. Damos graças a Deus por estes queridos irmãos, que

vêm juntar-se ao exército de soldados de Cristo na proclamação do Evangelho. Damos também louvor a Deus pela resposta de quatro preciosos adolescentes ao apelo para um futuro batismo feito pelo Pr. Alessandro Brachmann.

E O CÉU REJUBILOU...

Paulo Neves
Pastor da IASD de Viana do Castelo

O Céu rejubilou no dia 21 de novembro de 2015, graças a uma cerimónia realizada na linda igreja Adventista de Braga, lugar onde a Márcia Carvalhido foi rebatizada conforme as Escrituras. A Márcia nasceu e cresceu num lar Adventista, onde aprendeu desde o berço o que significa ser uma Cristã

dedicada à causa do Mestre. Mas, mais tarde, por circunstâncias da vida, ela acabou por pedir a sua desvinculação da igreja Adventista do Sétimo Dia de Viana do Castelo. Hoje, esta filha de Deus quis testemunhar que não quer desvincular Deus do seu coração. Com isso em mente, a Márcia mergulhou nas águas batismais, renovando a sua aliança com o Senhor perante a família, os amigos e os membros de igreja, sendo aceite como membro da igreja

Adventista de Viana do Castelo. A Márcia experimentou uma verdade bem importante: tal como um Pai amoroso, o Senhor está sempre de braços abertos para receber todos aqueles que voltam à Sua Igreja. Bem-vinda de volta, Márcia, e que o Senhor te abençoe e abençoe todos os que, como tu, tenham coragem de voltar ao Lar. Deixovos um pensamento bíblico, desejando que ele vos acompanhe ao longo da vossa vida: “Eu bem sei os pensamentos



que tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar um futuro e uma esperança” (Jeremias 29:11). ✨

CELEBRAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DA ESCOLA SABATINA NO FUNCHAL

Helena Romba
Dep. de Comunicação da IASD do Funchal

Durante o ano de 2015, a Escola Sabatina – enquanto instituição da nossa Igreja – celebrou o seu 162º ano de existência. Para comemorar este evento, a Direção da Escola Sabatina da igreja do Funchal presenteou com um Manual de Estudo para o primeiro trimestre do ano 2016 nove alunos que, ao lon-

go de mais de 50 anos, têm feito todos os esforços para tornar próspera a Escola Sabatina na igreja do Funchal. Que possamos juntar-nos a estes irmãos que estudam diariamente a Bíblia e o Manual da Escola Sabatina e que, cada Sábado, estão pontualmente presentes nas suas Unidades de Ação. “Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam” (João 5:39). Louvado seja o Senhor! ✨

CURSO PRÁTICO DE CULINÁRIA VEGETARIANA EM PONTA DELGADA

Ydaizis Canha
Dep. de Saúde e Temperança da IASD de Ponta Delgada

O Departamento de Saúde e Temperança da igreja de Ponta Delgada realizou um curso prático de culinária vegetariana. Este curso decorreu a 20 de setembro de 2015, um domingo, na Escola Canto da Maia. Tivemos o privilégio de contar com a presença da orientadora de cozinha Blessie Cruz, atualmente responsável pela cozinha da Clínica da Associação de Medicina

Preventiva em Penela. Estiveram presentes 47 pessoas, as quais mostraram grande interesse pela culinária vegetariana. Todas receberam um livro *Saúde e Bem-Estar* e uma pequena brochura com as receitas preparadas. Este dia de atividade foi organizado e implementado com a ajuda de dezoito voluntários da AIT de Ponta Delgada. Todos os presentes tiveram o grande privilégio de aprender mais sobre a alimentação saudável e, claro, tiveram também a oportunidade de provar deliciosos pratos vegetarianos. ✨



BATISMOS NO MAR DE VILA NOVA DE GAIA

Júlia Cordas
Departamento de
Comunicação da ICAOD

Dulce, Isabel, Marta. O trabalho, os amigos, o amor: os caminhos de vida de cada uma destas mulheres cruzaram-se com Adventistas e elas ficaram com vontade de conhecer melhor o Deus a Quem já amavam. Estudaram a Bíblia, deixaram-se cativar pelos ensinamentos do Mestre e tomaram a decisão de O seguir. E o grande amor por Cristo que foi crescendo nos seus corações levou-as até ao mar para serem batizadas. Foi na praia de Cabedelo no sábado 20 de junho de 2015. E foi uma grande festa nos Céus e nos nossos corações. Deus seja louvado por estes três preciosos corações que se renderam ao amor do Pai. 🌊



BATISMO EM VILA NOVA DE GAIA

Manuela Matos
Secretária da IASD de Vila
Nova de Gaia

Foi com grande alegria que no dia 2 de janeiro de 2016 a jovem Telma Sousa foi batizada pelo Pastor Luís Rosa. Depois de um período de estudos bíblicos, a Telma decidiu iniciar este ano da melhor forma. Perante uma igreja repleta, os irmãos de Vila Nova de Gaia puderam testemunhar a decisão desta jovem que, ao estudar acerca da breve vinda de Jesus, não quis adiar por mais tempo a sua entrega. Contribuiu também para esta decisão a influência da sua avó, que desde bem pequena a trazia cada Sábado à casa de Deus. A tarde foi preenchida com cânticos de louvor e gratidão, tendo-se sentido a atmosfera celestial. 🌊



O JOGADOR DO ANO NO BRASIL ESCOLHE DEUS EM LUGAR DA CARREIRA

ANN/RA

Um guarda-redes de futebol que se destacou no ano de 2015 no Brasil desencadeou uma onda de polémica no mundo desportivo brasileiro ao anunciar que não participará em jogos agendados para o Sábado. Carlos Vítor da Costa Ressurreição, que foi batizado na Igreja Adventista do Sétimo Dia em dezembro de 2015, partilhou com os jornalistas a sua decisão apenas há alguns dias. O furor que ele desencadeou com a sua decisão está também ligado ao facto de o jogador ter sido premiado com o Prémio de Jogador do Ano, o que levou a que lhe tenha sido oferecido um contrato muito lucrativo com o Chapecoense, uma equipa da Primeira Divisão do Brasil. No entanto, Carlos recusou a oferta, porque o contrato não lhe permitia observar o Sábado tal como está ordenado no quarto mandamento da Lei de Deus. Entretanto, a atual equipa de Carlos já o avisou de que não renovará o contrato com ele quando este terminar em maio de 2016, porque vários jogos da Segunda Divisão do Brasil decorrem ao Sábado. Mas Carlos Ressurreição está firme nas suas convicções, tendo dito numa conferência de imprensa, a 20 de janeiro, que não voltará a jogar futebol, a não ser se o puder fazer de acordo com a Lei de Deus.

Um ano antes do seu batismo, ele passou quatro meses no seu lar em Salvador da Baía, sem qualquer contrato assinado. Durante esse tempo, a sua esposa, Gabriela, foi abordada por uma amiga que lhe ofereceu sociedade numa



empresa de fabrico de malas. Esse negócio desenvolveu-se rapidamente. “Em pouco tempo, o lucro do negócio da minha mulher tornou-se maior do que tinha sido o meu salário no meu anterior clube de futebol. Foi nesse momento que compreendi que Deus tinha várias formas de cuidar da minha família”, disse Carlos. Depois de ter percebido isto, Carlos perdeu o medo de não conseguir obter um contrato com um clube e começou a orar e a estudar a Bíblia diariamente. Ao estudar, ele ficou convencido de que a sua mãe, Tânia Rocha, membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, tinha razão quando havia partilhado com ele a verdade sobre o Sábado, doze anos antes. Assim, Carlos Ressurreição decidiu tornar-se Adventista. Quando um jornalista lhe perguntou se ele estava preparado para escolher entre a sua fé e a sua carreira, Carlos respondeu: “Sem dúvida alguma, escolho a minha fé. Estou em paz porque a minha vida está nas mãos de Deus. Se houver uma equipa que respeite a minha fé, continuarei a jogar. Se não houver, o Senhor já me mostrou no passado que irá tomar conta de mim.” A decisão de Carlos Ressurreição está a conquistar a admiração de muitos comentadores desportivos. “Eu não sou religioso, mas a escolha de Carlos toca-me”, disse Ayrton Baptista, um conhecido comentador. “A sua fé fala bem alto!” 🌊

VISITE > WWW.HOPETV.PT





ESTAÇÃO DE RÁDIO ADVENTISTA PREMIADA PELA SUA PROGRAMAÇÃO

ANN/RA

A Estação de Rádio da Igreja Adventista do Sétimo Dia na República Dominicana recebeu um prêmio do governo em dezembro de 2015 devido à sua contribuição para a promoção da saúde naquela nação insular. O “Prêmio Nacional de Medicina”, concedido anualmente a médicos ou a instituições que contribuem positivamente para a promoção do bem-estar dos

cidadãos dominicanos, foi ganho pela Rádio Amanhecer graças ao seu programa diário “Vamos restaurar a família”. Este programa foi premiado devido à sua contribuição para a promoção dos valores morais e espirituais que são necessários para a reconstrução da sociedade. O programa premiado é realizado por um painel de terapeutas familiares, que discute as questões que afetam as famílias. O painel recebe perguntas dos ouvintes em direto, aos quais res-

ponde. Também são discutidos eventos que implicam o bem-estar das famílias e que são noticiados pelos diversos órgãos de comunicação social do país. O programa é transmitido de segunda a sexta-feira, entre as 9 e as 10 horas da manhã, e está no ar há dez anos. Miqueias Fortunato, diretor da Rádio Amanhecer, diz que o reconhecimento obtido significa muito para a estação e para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. “Deus quer ver as famílias restauradas e o facto de

a Rádio Amanhecer ter recebido este prêmio é mais um motivo para continuarmos a espalhar os princípios que Deus concebeu para a família”, diz Fortunato. A Rádio Amanhecer já emite há 33 anos na República Dominicana, cobrindo presentemente cerca de 85% do país, e estima-se que abranja cerca de oito milhões de ouvintes potenciais. Numa pesquisa recente, a Rádio Adventista posicionou-se como a quinta Rádio FM mais ouvida pelos Dominicanos. ✨

IGREJA ADVENTISTA NA ALEMANHA COMPROMETE-SE A PROTEGER OS REFUGIADOS

Ad7 Notícias/ANN

A Igreja Adventista do Sétimo Dia na Alemanha comprometeu-se a proteger os refugiados que vivem no continente europeu em resultado da crise migratória atual. A Igreja manifestou o seu apoio aos refugiados, através de um comunicado, para que estes tenham direito à assistência médica, à educação e aos benefícios sociais. Ainda sobre este tema, de acordo com a Or-

ganização das Nações Unidas (ONU), “o conflito sírio desencadeou uma enorme emergência humanitária na nossa era”. Quase metade dos habitantes do país viu-se obrigada a abandonar os seus lares desde o início do conflito, em 2011. Por este motivo, a Associação Adventista para o Desenvolvimento, Recursos e Assistência (ADRA) informou que está unida para proteger o direito dos refugiados e reconhece o valor de cada indivíduo envolvido. ✨



ADRA AJUDA NA RECONSTRUÇÃO NA REPÚBLICA DOMINICANA

ANN/RA

A ADRA na República Dominicana está a participar nos esforços de reconstrução do país depois de mais de 300 famílias terem perdido os seus lares em agosto de 2015 por causa da tempestade tropical *Erika*. Equipas de voluntários Adventistas procedentes de outras ilhas das Caraíbas têm estado a trabalhar desde janeiro de 2016 para ajudar na reconstrução da nação dominicana. “A ADRA está a cumprir a sua promessa ao Governo de contribuir para o realojamento dos desalojados”, disse Pricilla Prevost, Diretora da ADRA local. Estão envolvidas no projeto duas equipas de 50 voluntários. A ADRA acredita que as primeiras três casas serão completadas em abril e outras cinco serão concluídas em julho. O Governo providenciou os terrenos e as infraestruturas e a ADRA está a

fornecer o dinheiro necessário e a mão-de-obra. O Primeiro Ministro Roosevelt Skerrit visitou 29 de janeiro de 2016 os voluntários da ADRA no local onde estão a ser construídas as novas casas e agradeceu o contributo da ADRA para a construção de novos lares destinados às pessoas que perderam tudo por causa da tempestade. Imediatamente após a tempestade *Erika*, os líderes da Igreja na República Dominicana lançaram um apelo aos líderes e aos membros de língua inglesa da Igreja nas Caraíbas para que contribuíssem com fundos para ajudar a reconstrução da ilha afetada. Assim, através da ADRA e da ASA, a Associação do Norte das Caraíbas encorajou os seus membros a envolverem-se na assistência aos Dominicanos desalojados. ADRA dominicana espera poder construir 25 casas até ao termo do projeto no final de 2016. ✨

Torna-me igual ao Zé

Um alcoólatra foi miraculosamente convertido depois de ter ouvido o Evangelho numa Missão urbana. Antes da sua conversão, o Zé tinha a reputação de ser um pobre vagabundo sempre alcoolizado, para o qual não havia esperança. Mas, depois da sua conversão, ele abraçou uma nova vida com Deus, e tudo mudou. O Zé tornou-se na pessoa mais simpática e carinhosa que conheciam aqueles que frequentavam a Missão. Ele passava os dias e as noites na Missão, fazendo o que quer que fosse que precisasse de ser feito. Não havia tarefa humilde de mais que o Zé não aceitasse fazer. Nunca havia nada que lhe fosse pedido que ele considerasse abaixo da sua dignidade. Quer fosse limpar as casas-de-banho ou lavar a louça na cozinha, o Zé fazia sempre o que lhe

era pedido com um sorriso nos lábios e cheio de gratidão por ter a possibilidade de ajudar.

Uma noite, o diretor da Missão estava a fazer o seu sermão evangelístico quando um homem veio até à frente da capela, ajoelhou-se para orar e começou a gritar a Deus, para que Ele o transformasse. O drogado arrependido gritava repetidamente: “Oh Deus, torna-me igual ao Zé! Torna-me igual ao Zé! Torna-me igual ao Zé!” Ao ouvir este grito de angústia, o diretor da Missão aproximou-se do homem desesperado e disse-lhe: “Amigo, penso que seria melhor se orasses: “Deus, torna-me igual a Jesus.” O drogado olhou para o diretor com um olhar de admiração e perguntou: “Ele é igual ao Zé?”

Retirado da revista *Guide*

O destino PARTE I da Europa

O REINO DIVIDIDO E O REINO ETERNO DE DANIEL 2

Em 603 a.C., Nabucodonosor II, o poderoso rei do império Neo-Babilônico, teve um sonho que o perturbou muito. Esse sonho foi interpretado pelo jovem Daniel e ficou registrado no segundo capítulo do seu livro. No seu sonho, Nabucodonosor II contemplava uma grande e terrível estátua. Esta estátua tinha a cabeça de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e as coxas de bronze, as pernas de ferro e os pés e os seus dedos de ferro e de cerâmica. Depois, Nabucodonosor II viu no sonho que a estátua foi destruída por uma pedra que a golpeou nos

pés de ferro e de cerâmica. É este sonho que iremos procurar interpretar aqui. Na verdade, já dedicamos dois artigos à interpretação exegética e histórica das quatro primeiras partes componentes da estátua, tendo mostrado que elas simbolizavam a sucessão histórica dos impérios Neo-Babilônico, Medo-Persa, Greco-Macedônio e Romano.¹ Ficou por interpretar a última secção componente da estátua – os pés e os dedos de ferro e de cerâmica – bem como a pedra que destrói a estátua ao golpeá-la nos pés. Assim, neste artigo vamos continuar a interpretação do sonho profético revelado por Deus a Nabucodonosor II. Queremos aqui fazer a interpretação exegética do texto de Daniel que menciona os pés e os dedos da estátua, que eram constituídos em parte de ferro e em parte de cerâmica. Esta interpretação é essencial para que, num artigo posterior, possamos interpretar historicamente o símbolo dos pés e dos dedos de ferro e cerâmica,



identificando o seu referente histórico. Portanto, vamos primeiro compreender a fundo o texto de Daniel 2:41-44a, de modo a termos as bases que nos permitam, num artigo posterior, descobrir a identidade histórica do reino simbolizado pelos pés e pelos dedos de ferro e cerâmica. Entretanto, temos de ter presentes as conclusões alcançadas nos dois artigos que dedicámos à interpretação das quatro primeiras partes componentes da estátua. Nomeadamente, devemos recordar-nos de que as pernas de ferro simbolizam o império Romano, que manteve a hegemonia política no Mediterrâneo até 476 d.C.. Este é o ponto de partida para a nossa interpretação exegética e histórica do símbolo dos pés e dos dedos de ferro e de cerâmica da estátua que figura no sonho de Nabucodonosor II registado no segundo capítulo do livro de Daniel.

Os pés e os dedos de ferro e de cerâmica (Daniel 2:33b, 41-44a)

Lembramo-nos certamente de que Daniel começara a descrever a estátua do sonho de Nabucodonosor II indicando que a sua cabeça era de ouro. Tendo descrito a estátua até às pernas de ferro, o jovem profeta faz notar em seguida que “os seus pés [eram] em parte de ferro, em parte de cerâmica” (Dan. 2:33b). Ao interpretar o valor simbólico dos pés da estátua, Daniel dá mais algumas informações sobre a entidade histórica que eles representam. Assim, ele acrescenta na sua explicação os seguintes dados: “E quanto ao que viste dos pés e dos dedos, parte deles de cerâmica de oleiro e parte deles de ferro, ele será um reino dividido, e haverá nele a solidez do ferro, do mesmo modo que viste o ferro misturado com a cerâmica de argila lamacenta. E

OS PÉS E OS DEZ DEDOS DE FERRO E DE CERÂMICA DO SONHO DE DANIEL 2 DEVEM IGUALMENTE TER UM SÍMBOLO CORRESPONDENTE NA VISÃO DE DANIEL 7.

os dedos dos pés eram em parte de ferro e em parte de cerâmica: uma parte do reino será forte e uma parte será frágil. E pois que tu viste o ferro misturado com a cerâmica de argila lamacenta, eles se misturarão com a semente de homem, mas eles não aderirão um ao outro, do mesmo modo que o ferro não se mistura com a cerâmica. E nos dias destes reis, o Deus dos Céus fará erguer-se um reino que não será destruído por todas as eras” (Dan. 2:41-44a). Procuremos então interpretar exegeticamente este texto, de modo a lançarmos as bases para, num artigo posterior, identificarmos historicamente a entidade política que é simbolizada pelos pés e dedos da estátua.

Para começarmos a nossa interpretação, devemos ter presente que a esmagadora maioria dos comentadores concorda que existe um paralelismo entre o sonho relatado no segundo capítulo de Daniel e a visão relatada no sétimo capítulo do mesmo livro.² Na verdade, há um acordo geral entre os comentadores quanto ao facto de que as primeiras quatro partes da estátua de Daniel 2 e as quatro bestas de Daniel 7 representam as mesmas entidades históricas. Tal como demonstrámos nos artigos publicados anteriormente,³ a cabeça de ouro (Dan. 2:32a, 37 e 38) e o leão alado (Dan. 7:4, 17)

simbolizam o império Neo-Babilónico. O peito e os braços de prata (Dan. 2:32b, 39a) e o urso (Dan. 7:5, 17) simbolizam o império Medo-Persa. O ventre e as coxas de bronze (Dan. 2:32c, 39b) e o leopardo com quatro cabeças e quatro asas (Dan. 7:6, 17) simbolizam o império Greco-Macedónio. Finalmente, as pernas de ferro (Dan. 2:33a, 40) e o animal terrível e espantoso (Dan. 7:7, 17) simbolizam o império Romano. Ora, este paralelismo não termina aqui. Os pés e os dez dedos de ferro e de cerâmica do sonho de Daniel 2 devem igualmente ter um símbolo correspondente na visão de Daniel 7. Esse símbolo correspondente acha-se nas dez pontas que ornamentam a cabeça da quarta besta, o animal terrível e espantoso. Tal como as pernas de ferro da estátua se prolongam nos pés e nos dez dedos em parte de cerâmica e em parte de ferro (Dan. 2:33c, 41-44), também a quarta besta tem dez pontas na sua cabeça (Dan. 7:7 e 8, 20). E da mesma forma que os pés e os dez dedos da estátua são o prolongamento das pernas de ferro (que simbolizam o império Romano), também as dez pontas da quarta besta (que representa o império Romano) são o seu prolongamento. De facto, Daniel é claro ao afirmar que as dez pontas se levantarão do reino representado

pela quarta besta (Dan. 7:23 e 24) e que elas simbolizam “dez reis” (Dan. 7:24). Ora, nas visões proféticas do livro de Daniel, os termos “reis” e “reinos” são equivalentes, pois, em Daniel 7:17, os quatro animais são identificados como sendo “reis”, mas, em Daniel 7:23, a quarta besta é identificada como sendo um “reino” e as outras três bestas são implicitamente designadas como sendo também “reinos”. Assim, as dez pontas da quarta besta de Daniel 7 são também “reinos”, sendo certo que o símbolo escolhido para representar esses reinos – as “pontas” – indica que eles são de menor dimensão geográfica do que os reinos representados pelas quatro bestas. Podemos também dizer sem receio de errar que estes dez “reinos” representados pelas dez pontas são contemporâneos, pois as pontas coexistem simultaneamente na cabeça da quarta besta (Dan. 7:7) e três delas são arrancadas simultaneamente pela ponta pequena (Dan. 7:8). Pois bem, uma vez que os pés e os dez dedos

de cerâmica e de ferro da estátua de Daniel 2 correspondem às dez pontas da quarta besta de Daniel 7, podemos concluir que eles são também o símbolo de dez reinos menores e contemporâneos que sucederiam ao império representado pelas pernas de ferro da estátua, isto é, ao império Romano.⁴

Dez dedos

Alguns comentadores fazem notar que o pormenor dos “dedos” dos pés é apenas referido na explicação do sonho (Dan. 2:41 e 42), mas não é mencionado no relato do próprio sonho (Dan. 2:33). Assim, eles deduzem deste facto que as indicações sobre os “dedos” na explicação do sonho é um acrescento realizado por um glosador que veio depois do autor do capítulo 2. Este glosador teria acrescentado a menção aos “dedos” nos versículos 41 e 42. No entanto, tendo em consideração toda a evidência textual ao nosso dispor, a referência aos “dedos” nos versículos 41 e 42 deve ser tida por autêntica, sendo parte

da redação original do capítulo 2. Efetivamente, Dominique Barthélemy, na sua *Critique Textuelle de l'Ancien Testament*, atribui à menção dos “dedos” em Daniel 2:41 e 42 a nota B, a segunda mais elevada, o que atesta bem a sua autenticidade.⁵ Além disso, podemos igualmente argumentar que a “montanha” de onde se destaca a pedra que destrói a estátua também apenas é referida na explicação que Daniel dá do sonho (Dan. 2:45), não sendo mencionada no relato do sonho (Dan. 2:34 e 35). No entanto, nenhum comentador questiona a autenticidade da menção à montanha na explicação do sonho. O caso da menção dos “dedos” apenas na explicação, e não no relato do sonho, é precisamente idêntico.

Outros comentadores – que adotam a perspectiva preterista liberal – aceitam a autenticidade da menção aos “dedos” nos versículos 41 e 42, mas defendem que, dado que Daniel não indica explicitamente que são *dez* os dedos dos pés da estátua, não devemos



atribuir qualquer importância ao número de dedos que ela possa ter ao procedermos à interpretação do significado da estátua, tal como não devemos atribuir qualquer significado ao facto de que a estátua tem *duas* pernas. No entanto, estes dois casos não são idênticos. O facto de os dedos serem referidos explicitamente na interpretação do sonho realizada por Daniel mostra que eles são um elemento simbólico importante, que deve ser decifrado. Ora, dado que os referidos dedos dos pés fazem parte de uma estátua que representa um homem, podemos naturalmente presumir que eles são dez. Assim, não era necessário que Daniel chamasse explicitamente a atenção para o número de dedos dos pés. Mas o facto de que ele refere explicitamente os dedos na sua explicação do sonho mostra que também o número de dedos – que está implícito – é importante para a interpretação do significado simbólico dos pés da estátua. Na verdade, se o reino representado pelos pés e pelos dedos é um “reino dividido” (Dan. 2:41b), esta divisão não é traduzida apenas pelos dois tipos de materiais constituintes dos pés e dos dedos (o ferro e a cerâmica), mas também pela divisão em dez dedos. Logo, não só a menção dos dedos, mas também o seu número – dez – é parte importante do simbolismo do reino dividido. Além do mais, o paralelismo existente entre o sonho de Daniel 2 e a visão de Daniel 7 – a que nos referimos – mostra que o número de dedos é simbolicamente importante. De facto, se o símbolo dos “dedos” de Daniel 2 corresponde aos símbolos das “pontas” de Daniel 7, então o facto de as pontas serem dez implica que os dedos são também dez. E

se o número é um fator importante no funcionamento simbólico das dez pontas, então ele também deve ser importante no funcionamento simbólico dos dez dedos. Portanto, embora o número de dedos da estátua de Daniel 2 não seja explicitamente referido, ele não só pode ser facilmente deduzido, como desempenha uma função importante no simbolismo dos dedos.

Mas então, respondem os críticos, porque não supor que as duas pernas da estátua também denotam uma divisão? Não será inconsistente afirmar que os dez dedos denotam uma divisão e as duas pernas não? Respondemos que a profecia nada diz sobre divisão no que toca às pernas, mas di-lo expressamente no que toca aos pés e aos dedos. Daniel 2:41 diz claramente: “E quanto ao que viste dos pés e dos dedos, parte deles de cerâmica de oleiro e parte deles de ferro, ele será um reino dividido.” Não poderia haver divisão até que o elemento diverso da cerâmica fosse introduzido na estátua, e isso só acontece quando se passa para a descrição dos seus pés e dos respectivos dedos. A introdução da fragilidade da cerâmica, no que diz respeito aos pés, resultou na divisão do reino em dez partes, representadas pelos dedos. Esta divisão é também indicada na súbita menção de uma pluralidade de “reis” contemporâneos (Dan. 2:44a) que, como veremos mais à frente, são os dez dedos da estátua. Portanto, embora por um lado nada seja dito sobre a existência de uma divisão em relação às pernas da estátua, por outro lado temos boas razões para supor que os dez dedos denotam uma divisão. Pelo que o facto de eles serem dez é simbolicamente importante.

Ferro e cerâmica

Tendo estabelecido a autenticidade da referência aos “dedos” dos pés da estátua de Daniel 2 e tendo determinado que são dez o número de “dedos” envolvidos, podemos agora interpretar o significado simbólico do material que os constitui. De facto, Daniel havia dito no relato do sonho que os pés da estátua eram “em parte de ferro, em parte de cerâmica” (Dan. 2:33b). Na explicação do sonho que ele apresentou ao rei, Daniel diz que, não só os pés, mas também os dedos dos pés eram “em parte de ferro e em parte de cerâmica” (Dan. 2:42a). Na verdade, o jovem profeta afirma explicitamente quanto aos dedos que “parte deles [são] de cerâmica de oleiro e parte deles de ferro” (Dan. 2:41a). Portanto, percebe-se que não só os pés são constituídos parcialmente por ferro e parcialmente por cerâmica, mas também se percebe que alguns dedos são totalmente de cerâmica e outros dedos são totalmente de ferro. De facto, a palavra aramaica *minnehên* usada no versículo 41 para referir os dedos na sua relação com o ferro e a cerâmica significa literalmente “alguns deles” ou “parte deles”,⁶ tendo um sentido partitivo. Portanto, alguns dos dez dedos são constituídos apenas por cerâmica. A palavra aramaica *hasap* não indica o barro no seu estado natural, mas um material constituído por barro cozido, podendo ser traduzida pelas palavras portuguesas “cerâmica” ou “terracota”. Assim, *hasap* significa um objeto de cerâmica ou, mesmo, um fragmento de cerâmica.⁷ No mundo bíblico, a cerâmica é o material menos valioso na escala dos materiais usados pelo homem na sua atividade fabril (Lam. 4:2; II Tim. 2:20). Enquanto símbolo,

a cerâmica representa a fraqueza e a fragilidade (Job 4:19; 13:12). Assim, os dedos compostos de cerâmica são fracos e frágeis. Por outro lado, alguns dos dedos dos pés da estátua são feitos de ferro. De facto, a palavra aramaica *Parezal* designa o “ferro”. Este era o material mais duro e coeso que a Antiguidade conhecia, sendo um material muito apreciado no mundo bíblico pela sua grande utilidade. Não admira assim que, em Daniel 2, o ferro seja a epitome da dureza, da solidez e da força (Dan. 2:41c e 42). Deste modo, o ferro simboliza facilmente a dureza e a força. Assim, os dedos compostos de ferro são duros e fortes.⁸ Devido a esta dualidade constitutiva que caracteriza os dez dedos dos pés da estátua, Daniel afirma que “uma parte do reino será forte e uma parte será frágil” (Dan. 2:42b). Este “reino” composto pelos dez dedos dos pés da estátua será, em parte, forte, porque há nele a força e a solidez do ferro, mas será também, em parte, frágil, porque há nele a fraqueza e a fragilidade da cerâmica. Assim, o referido “reino” terá falta de coesão política, pois os dois materiais que o constituem são incompatíveis. No entanto, Daniel enfatiza o facto de que, porque alguns dos dedos são de ferro, este “reino” tem “a solidez do ferro” (Dan. 2:41c). Ou seja, ele preserva em parte as características essenciais do quarto reino, o império Romano, representado pelas pernas de ferro da estátua. Este “reino” representado pelos pés e pelos seus dedos é, em parte, uma continuação do império Romano, simbolizado pelas pernas de ferro. O “reino” dos dez dedos preserva ainda, em parte, o poderio do império Romano. No entanto, o facto de alguns dos dedos que constituem este reino serem de

cerâmica indica que este reino não será tão sólido como foi o império Romano. Mas é inegável que o império de Roma continua a existir parcialmente, ainda que de forma enfraquecida, graças ao seu prolongamento no “reino” simbolizado pelos pés e pelos dedos de ferro e cerâmica. A civilização romana é preservada por este “reino”. Na verdade, este “reino” não é um outro império, mas é, de certa forma, a continuação parcial do quarto reino, o império de Roma.

Um reino dividido

Simultaneamente, o “reino” composto pelos pés e pelos dez dedos de ferro e de cerâmica, que é o prolongamento do império Romano, “será um reino dividido” (Dan. 2:41). De facto, Daniel caracteriza o modo de ser deste reino usando o termo aramaico *peligâ*, que denota a sua divisão intrínseca. Aliás, esta é a principal característica que o distingue dos quatro reinos anteriores representados na estátua. A divisão que caracteriza este “reino dividido” resulta, por um lado, da mistura do ferro com a cerâmica que nele existe e, por outro lado, da sua separação em dez dedos distintos. É portanto uma divisão política profunda. Note-se que, da mesma forma que as dez pontas surgem do quarto animal espantoso e terrível de Daniel 7, também os dez dedos dos pés surgem do prolongamento das pernas de ferro de Daniel 2. Portanto, pode-se dizer que o quarto império, o reino das pernas de ferro que representa o império Romano, divide-se numa segunda fase em dez partes distintas, dando origem ao “reino dividido”.⁹ Segundo Daniel, este reino permanecerá dividido até que a pedra o atinja e o destrua, isto é, até ao fim dos tempos (Dan.

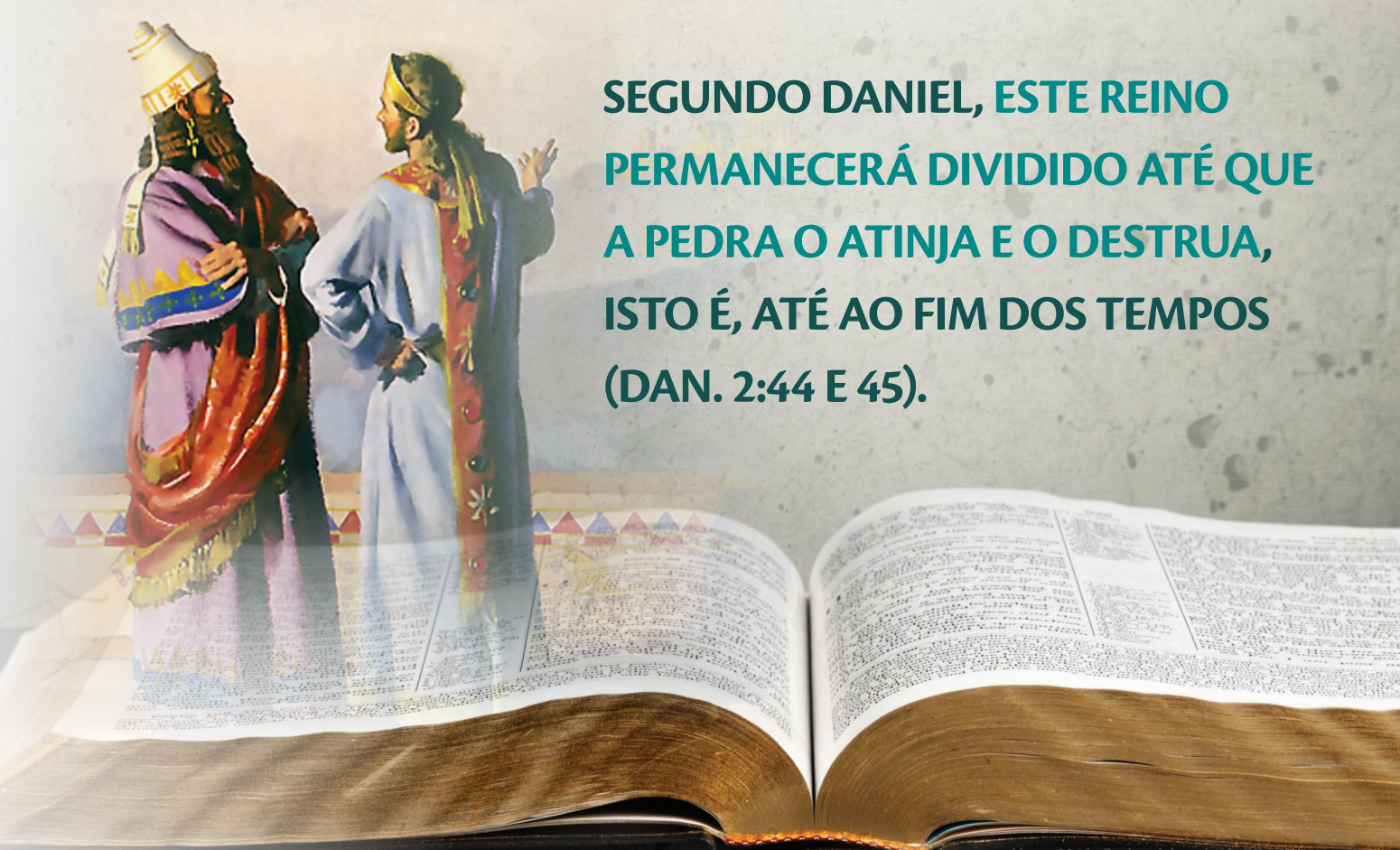
2:44 e 45). No entanto, devemos igualmente notar que este “reino dividido” apresenta também alguma unidade na sua diversidade, pois ele é “um reino dividido”. Embora ele seja caracterizado pela sua divisão política interna, representada pela divisão em dez dedos (isto é, em dez partes), o facto de que estes dez dedos nos são apresentados como sendo uma unidade simbólica – eles ocupam simultaneamente a mesma porção da estátua e são “um reino” – indica claramente que há, apesar de tudo, uma unidade política e civilizacional subjacente ao “reino dividido”.

Não querendo continuar a ser “um reino dividido”, este reino procura recuperar a plena unidade política. Sendo o prolongamento do férreo império Romano, o “reino dividido” ensaia todos os esforços para reencontrar a unidade representada nas pernas de ferro da estátua. Daniel descreve esses esforços do seguinte modo: “E pois que tu viste o ferro misturado com a cerâmica de argila lamacenta, eles se misturarão com a semente de homem, mas eles não aderirão um ao outro do mesmo modo que o ferro não se mistura com a cerâmica” (Dan. 2:43). Para bem interpretarmos esta passagem, devemos primeiro determinar quem é o seu sujeito (denotado, pelo pronome “eles”). Dado que os únicos sujeitos anteriormente mencionados são “os dedos dos pés” (Dan. 2:42a), devemos concluir que os sujeitos políticos que “se misturarão com a semente de homem” são os dez dedos dos pés da estátua. De facto, vimos anteriormente que os pés são constituídos por uma mistura de ferro e de cerâmica e que uma parte dos respetivos dedos são constituídos de ferro e uma

outra parte de cerâmica. Portanto, são os dedos dos pés – uns de ferro e outros de cerâmica – que “se misturarão com a semente de homem”, de modo a procurarem recuperar a unidade plena. Podemos agora perguntar-nos: qual é o significado desta imagem? Primeiro devemos ter presente que os dez dedos dos pés da estátua são dez reinos autônomos contemporâneos. Chegámos a esta conclusão ao percebermos anteriormente o paralelismo simbólico entre os dez dedos do sonho de Daniel 2 e as dez pontas da visão de Daniel 7. Ora, estes dez reinos, representados pelos dez dedos dos pés da estátua, são claramente considerados aqui como sendo representados pelos seus respetivos líderes.¹⁰ Estes líderes dos dez reinos representados pelos dez dedos procuram unir-se misturando-se com “a

semente de homem”. Esta imagem algo enigmática não é usada apenas por Daniel. Ela é também utilizada por Jeremias, quando este diz, em nome de Deus: “Eis que dias vêm, diz o Senhor, em que sementarei a casa de Israel, e a casa de Judá, com a semente de homens, e com a semente de animais” (Jer. 31:27). Jeremias está aqui a falar da reprodução do povo de Deus – a casa de Israel e a casa de Judá – pelos meios naturais de reprodução humana no quadro do casamento. Esdras usa uma imagem semelhante, referindo-se à “mistura” da “semente santa” com os povos de outras nações (Esd. 9:2), sendo claro que ele tinha em mente a reprodução humana no quadro de alianças matrimoniais. Assim, de acordo com estas duas passagens bíblicas, “misturar-se com a semente de homem” é procurar estabelecer

uma união de substância através dos meios próprios da reprodução humana (“a semente de homem”), na medida em que esta gera uma descendência que participa da natureza dos seus dois progenitores.¹¹ Portanto, em Daniel 2:43, os líderes dos dez reinos representados pelos dez dedos dos pés da estátua irão estabelecer alianças matrimoniais que possibilitem o nascimento de uma descendência comum. Por meio desta descendência comum procurar-se-á unir o reino dividido composto pelos dez reinos, representados pelos dez dedos dos pés. Através de casamentos dinásticos, procurar-se-á estabelecer alianças políticas unificadoras. No entanto, estas alianças não permitirão alcançar o objetivo desejado: a unidade política. Os dedos de ferro e os dedos de cerâmica que se tentarem aliar “não aderirão um



**SEGUNDO DANIEL, ESTE REINO
PERMANECERÁ DIVIDIDO ATÉ QUE
A PEDRA O ATINJA E O DESTRUA,
ISTO É, ATÉ AO FIM DOS TEMPOS
(DAN. 2:44 E 45).**

ao outro”, pois o ferro não se pode misturar com a cerâmica (Dan. 2:43c, d). A tentativa de recuperar ou recriar a unidade característica do império Romano, simbolizado pelas pernas de ferro, está destinada ao fracasso. As alianças matrimoniais entre os líderes das dez divisões do “reino dividido” serão incapazes de restaurar a unidade de modo durável.

O fim do reino dividido

Entretanto, Daniel prossegue a sua interpretação do sonho de Nabucodonosor II, afirmando que “nos dias destes reis o Deus dos céus fará erguer-se um reino que não será destruído por todas as eras” (Dan. 2:44a). A primeira coisa que temos de fazer para interpretarmos corretamente este versículo é ter presente que, para Daniel, “reis” e “reinos” são sinónimos (confronte-se Dan. 7:17 com Dan. 7:23). A segunda coisa que temos de fazer é identificar quem são “estes reis”. Temos duas possibilidades: (1) “estes reis” são os “reinos” representados pelas quatro primeiras secções da estátua metálica, isto é: Babilónia, Medo-Pérsia, Grécia-Macedónia e Roma, ou (2) “estes reis” são os dez “reinos”, re-

presentados pelos dez dedos dos pés da estátua, que constituem o “reino dividido”. Qual destas duas hipóteses é a correta? Perante os factos resultantes da análise do texto, pensamos que “estes reis” são os dez “reinos” que constituem o “reino dividido” representado pelos pés e pelos dez dedos da estátua. Primeiro, porque o sujeito coletivo “estes reis” mencionado em Daniel 2:44 remete para o sujeito coletivo “eles” de Daniel 2:43, o qual, por sua vez, remete para o sujeito coletivo “os dedos dos pés” de Daniel 2:42. Portanto, os “dedos dos pés” – que, como vimos antes, representam dez “reis” ou “reinos” – são o sujeito coletivo a que se refere a designação “estes reis”. “Estes reis” são os “dedos dos pés” da estátua, que representam dez “reis” ou “reinos”. Segundo, a “pedra” que implanta o reino de Deus, ao derrubar a estátua e ao transformar-se numa montanha que enche a Terra (Daniel 2:34 e 35b), atinge a estátua nos pés de ferro e de cerâmica (Daniel 2:34). Ora, dado que o reino de Deus é implantado pela “pedra” durante a existência dos pés de ferro e de cerâmica (Dan. 2:34) e dado que

Daniel também nos diz claramente que o reino de Deus surgiria “nos dias destes reis” (Dan. 2:44), concluímos que “estes reis” são precisamente os pés e os respectivos dedos, que representam o “reino dividido” constituído por dez reinos menores. De facto, a “pedra” não atinge a cabeça de ouro (*i. e.*, Babilónia), nem as pernas de ferro (*i. e.*, Roma). Ela atinge os pés e os dedos de ferro e de cerâmica (*i. e.*, “o reino dividido”). Logo, são os dedos de ferro e de cerâmica que são os “reis” referidos em Daniel 2:44. Terceiro, a frase “nos dias destes reis” não pode estar a referir-se aos quatro reinos ou impérios precedentes. De facto, estes quatro reinos formam uma série de reinos *sucessivos*. Ora, o reino de Deus é instalado “nos dias destes reis”. Logo, estes “reis”, na sua pluralidade, *coexistem* no momento histórico em que o reino de Deus é instalado pela pedra que cai sobre os pés da estátua. Eles não são “reis” sucessivos, mas coexistentes. Portanto, a frase “nos dias destes reis” não pode estar a referir-se ao tempo dos quatro primeiros reinos, pois seria absurdo usar uma expressão – “nos dias destes reis” – que



denota *coexistência* para designar uma realidade – os quatro reinos – que se apresenta em *sucessão*. Os quatro reinos ou impérios são reinos *sucessivos*, mas “estes reis” que existem “nos dias” da instauração do reino de Deus são “reis” *coexistentes*. Logo, “estes reis” não são os reinos ou impérios de Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia-Macedônia e Roma, mas sim os dez “reis” ou “reinos” que existem simultaneamente e que são representados pelos dez dedos de ferro e de cerâmica que constituem o “reino dividido”.¹²

Esta análise de Daniel 2:44 permite-nos retirar outra conclusão importante. Se o reino que Deus vai fundar sobre a Terra no fim do tempo é instaurado apenas “nos dias destes reis”, e se “estes reis” são os dez “reis” ou “reinos” que constituem o “reino dividido”, e que são representados pelos dez dedos de ferro e de cerâmica dos pés da estátua, então podemos concluir que o “reino dividido” existirá até ao fim do tempo. Assim, obtemos dois marcadores temporais que delimitam o percurso histórico do “reino dividido”. Por um lado, ele sucede ao reino representado pelas pernas de ferro, isto é, ao império Romano. Portanto, ele vem à existência após 476 d.C., data que marca o fim do império Romano no Ocidente. Por outro lado, ele termina com a instauração do reino de Deus no tempo do fim e com o fim da História tal como a conhecemos. Portanto,

ele chega a ser uma realidade escatológica. Considerando estas duas balizas temporais, não só poderemos identificar com segurança o “reino dividido”, como podemos também afirmar que ele é, seguramente, uma realidade contemporânea. Ele existe presentemente. Resta-nos identificá-lo.

Conclusão

Concluimos, assim, a *interpretação exegética* do texto do segundo capítulo de Daniel, que nos apresenta o “reino dividido”. Estamos agora em condições de proceder à *interpretação histórica* do “reino dividido” (isto é, do símbolo dos pés e dos dedos de ferro e cerâmica da estátua de Daniel 2), identificando a entidade histórica representada por esse “reino”. No entanto, para podermos proceder à identificação da entidade histórica representada pelo “reino dividido”, devemos primeiro interpretar os três símbolos em que culmina o sonho do rei de Babilônia: o símbolo da pedra que destrói a estátua, o símbolo da montanha em que a pedra se transforma e o símbolo da montanha de onde essa pedra procede. Veremos, assim, o que Daniel nos tem a dizer sobre o processo que Deus usará para instaurar o Seu reino sobre a Terra. Portanto, no próximo artigo iremos proceder à interpretação da segunda parte do sonho de Nabucodonosor II, que descreve a instauração do

reino eterno de Deus. Esta é a nossa próxima tarefa. ♣

• **Paulo Lima**

Redator da Revista Adventista

1. Paulo Lima, “Os quatro impérios de Daniel 2 – Parte I”, *Revista Adventista*, nº 821, outubro de 2015, pp. 6-11, e Paulo Lima, “Os quatro impérios de Daniel 2 – Parte II”, *Revista Adventista*, nº 822, novembro de 2015, pp. 6-11.
2. Veja-se James A. Montgomery, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel* (The International Critical Commentary), Edinburgh: T. & T. Clark, 1972 (1st ed. 1927), p. 61; Samuel Rolles Driver, *The Book of Daniel*, Cambridge: Cambridge University Press, 1900 [Fac-símile ed., Forgotten Books, 2012], p. 94; Ernest C. Lucas, Daniel (Apollon Old Testament Commentary, vol. 20), Dowers Grove/Nottingham: IUP Academic/Appolos, 2002, p. 76; Louis F. Hartman & Alexander A. Di Lella, *The Book of Daniel* (The Anchor Yale Bible, vol. 23), New Haven: Yale University Press, 2005 (1st ed. 1978), p. 149; Maximiliano Garcia Cordero, *Biblia Comentada*, 2ª ed., Madrid: La Editorial Católica, 1967, 3 vols, Vol. III – Libros Proféticos, p. 1001.
3. Ver nota 1.
4. Andrew E. Steinmann, *Daniel* (Concordia Commentary), Saint Louis: Concordia Publishing House, 2008, pp. 137 e 138, não aceita a identificação dos dez dedos da estátua de Daniel 2 com as dez pontas de Daniel 7. No entanto, os seus argumentos parecem-nos insuficientes.
5. Dominique Barthélemy, *Critique Textuelle de l'Ancien Testament*, 3 vols, Fribourg/Göttingen: Éditions Universitaires/Vandenhoeck, 1982-1992, vol. 3, p. 440.
6. Zdravko Stefanovic, Daniel, *Wisdom to the Wise*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 2007, p. 104.
7. James A. Montgomery, *Op. cit.*, p. 167; Ray McAllister, “Clay in Nebuchadnezzar’s Dream and the Genesis Creation Accounts”, *Journal of the Adventist Theological Society*, 18(1), Spring 2007, pp. 124 e 125.
8. Louis F. Hartman & Alexander A. Di Lella, *Op. cit.*, p. 149, também chamam a atenção para esta dualidade substancial e dinâmica dos dedos dos pés da estátua.
9. J. E. H. Thomson, *Daniel* (The Pulpit Commentary), London/New York: Funk & Wagnalls, [s. d.], p. 71.
10. James A. Montgomery, *Op. cit.*, p. 177; R. H. Charles, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel*, Oxford: Oxford University Press, 1929 [Fac-símile ed., Wipf & Stock, 2006], p. 49.
11. James A. Montgomery, *Op. cit.*, pp. 179, 189.
12. J. E. H. Thomson, *Op. cit.*, p. 72 e Joyce G. Baldwin, *Daniel* (Tyndale Old Testament, vol. 23), Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 2009 (1st ed., 1978), p. 104 concordam que “estes reis” são os reinos representados pelos dez dedos dos pés da estátua. *Contra* Edward J. Young, *The Prophecy of Daniel – A Commentary*, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1980 (1st ed. 1949), p. 78, que é de opinião que “estes reis” só podem ser os quatro “reinos” representados sucessivamente pelas diferentes partes da estátua.

O pequeno barco missionário

A CLÍNICA FLUTUANTE *LUZEIRO* DISPENSOU MEDICAMENTOS E O EVANGELHO, ABRINDO PORTAS PARA QUE AS PESSOAS TIVESSEM SAÚDE DE CORPO E DE ALMA.

Leo e Jessie Halliwell serviram no Brasil durante 38 anos. Quando foram chamados para trabalhar no Norte do Brasil, havia apenas três outros membros de Igreja na imensa área ao redor de Belém. A pobreza, a superstição e as doenças do povo que habitava ao longo do Amazonas levaram Halliwell a pensar que uma lancha seria o meio mais eficaz para alcançar os dois milhões de pessoas que viviam ao longo de 40 000 milhas de rios navegáveis que formavam a bacia do rio Amazonas.

Foram doados fundos pelas Sociedades de Missionários Voluntários (MV) da América do Norte e da América do Sul. Halliwell esboçou os planos de construção e construiu ele mesmo o casco a partir de madeira dura da Amazônia. Ele montou o motor e a instalação elétrica e dedicou trinta anos a conduzir a *Luzeiro* para

cima e para baixo numa extensão de 1000 milhas (1600 quilômetros) ao longo do rio entre Belém e Manaus, cobrindo cerca de 12 000 milhas (19 000 quilômetros) por ano. Leo e Jessie trataram mais de 250 000 Brasileiros e Índios, ao mesmo tempo que espalhavam o Evangelho.

A parte que se segue deste artigo é retirado do livro *Light Bearer to the Amazon* (Luzeiro para o Amazonas), as memórias de Leo Halliwell.¹

Voltando de novo ao rio, não tínhamos ido muito longe quando avistámos um homem em frente da sua casa, abanando uma toalha branca como sinal para que parássemos. A febre estava muito espalhada nesse ano e estava a cobrar uma grande quantidade de vidas. Logo que o nosso pequeno barco chegou junto do local, vimos um grupo de doentes que se tinha reunido ali para esperar pela *Luzei-*

ro. Nós instalámos a nossa clínica no alpendre daquele pequeno lar coberto por um telhado de palha. Várias canoas pareciam vir de todas as direções. Alguns pescadores trouxeram uma criança pequena que tinham encontrado numa rede de dormir junto da sua mãe, que estava morta. Todos os habitantes desse lar estavam mortos por causa da terrível praga, exceto este bebê, que tinha cerca de seis meses e estava também muito doente.

Já a tarde tinha avançado muito quando acabámos de tratar o último paciente. Dado que a Senhora Halliwell estava muito cansada, movemos o barco para um belo lugar a jusante do rio. À medida que o Sol se afundava no ocidente, os seus últimos raios pintavam o céu com um belo tom púrpura e o seu reflexo nas águas pacíficas parecia perfeito. As altas palmeiras ao longo das margens lançavam as suas sombras para o rio e os papagaios

e outras aves tropicais voavam por cima da nossa cabeça, regressando aos seus ninhos para passarem a noite. Nos trópicos não há crepúsculo. O belo púrpura desapareceu e a escuridão instalou-se ao redor do nosso barco. Então o céu austral começou a luzir e em breve a Lua tropical apareceu sobre o topo das palmeiras, para reverter a posição das sombras e pintar as águas escuras com um belo tom prateado.

Saúdo das trevas

Tudo estava sossegado quando nos sentámos no nosso pequeno barco, maravilhados com este pedaço de cenário do Amazonas. Nós estávamos à escuta e, ao longe, soou um som muito ténue; mas, à medida que se aproximava, podíamos distinguir o som de um remo cortando a água. De repente uma pequena canoa saiu disparada das sombras e, ao incidir sobre ela a luz prateada da Lua, pudemos distinguir a forma de um rapaz. Antes mesmo de ele falar nós já sabíamos o que ele queria; ele perguntou-nos: “Têm remédio contra a febre?” Ao aproximar-se do bordo do nosso barco, a sua cara pálida disse-nos que também ele era vítima da terrível febre. Ao sentar-se no nosso barco, A Sra. Halliwell perguntou: “Como te chamas?” “António”, foi a resposta. “Há três horas que navego na minha canoa, tentando descobrir o vosso barco.” “Onde estão o teu pai e a tua mãe?”, perguntámos nós. “O meu pai morreu ontem por causa da febre”, respondeu ele, “e a minha mãe está em casa, a arder em febre... Eu tinha dois irmãos, mas morreram na semana passada.”

Ao prepararmos uma injeção de quinino para ele, perguntámos-lhe que idade tinha. Nunca esquecerei a sua resposta: “Tenho dez anos e estou a lutar para chegar aos onze.” Duvido muito que o pequeno António tenha chegado

aos onze anos. “António, há quanto tempo estás doente com esta febre?”, perguntámos. Ele respondeu: “Há três meses.” “Não tiveste qualquer tratamento?” “Oh, sim; fui tratado pelo xamã... Ele fechou-nos numa pequena cabana e queimou cabelo, penas, couro e chifre de boi, tentando expulsar com o fumo os espíritos malignos que estavam a causar a febre. Quando não o consegui fazer, ele pegou num ramo de uma árvore de espinhos e bateu-nos com ele.” Depois, o miúdo puxou a sua camisa para cima e mostrou-nos as suas costas cobertas com chagas profundas causadas pelos espinhos que perfuraram a sua carne, à medida que o xamã tentava expulsar os espíritos maus.

As suas mãos eram as mãos de Jesus

Nós tratámos o pequeno António e demos-lhe medicamentos e comida para ele levar para a sua mãe. Depois vimos aquele pequeno, frágil e doente corpo mover-se do nosso barco até à sua canoa, deslizar no caminho do luar prateado e desaparecer nas escuras sombras. Ouvimos o som do padejar do remo tornar-se cada vez mais ténue, até que morreu ao longe.

O pequeno António voltava para a sua casa, mas não para o que nos Estados Unidos nós chamamos “casa”. A sua casa era apenas uma cabana na margem do rio, com a densa floresta na retaguarda, cheia de animais selvagens, cobras e mosquitos que transmitiam a febre mortal. O seu lar era um lar de pobreza, de doença, de sofrimento, de superstição e, finalmente, de morte. Mas o mais triste de tudo era o facto de que eles estavam neste mundo sem Deus e sem esperança. Como o pequeno António, há milhares e milhares de pessoas que vivem ao longo do grande Amazo-



nas e que nunca ouviram falar do amor do Salvador pela Humanidade perdida.

Halliwell disse: “Estamos gratos por Deus nos ter dado saúde para trabalharmos na região do Amazonas. Não o considerámos um sacrifício, mas sim um privilégio;... Nunca nos arrependemos da nossa decisão de servirmos no Brasil; não, nem por um momento.”

Hoje o impacto da obra dos Halliwell pode ser visto e sentido nas instituições que eles sonharam para a selva do Amazonas. Uma clínica médica estabelecida em 1941 é hoje o Hospital Adventista de Belém, uma das principais instituições médicas do Norte do Brasil. A Igreja opera dois grandes hospitais em Belém e Manaus. Há 59 escolas com 21 000 estudantes inscritos atualmente; 1600 igrejas com 311 000 membros e mais de 250 pastores. Há ainda a Faculdade do Norte do Brasil.

Já houve 25 lanchas *Luzero* no Amazonas. Hoje há apenas uma lancha ainda mantida pelos membros de Igreja. A Associação equipa os distritos pastorais com onze “barcos rápidos” que são mais baratos de adquirir e de manter. ✨

• **Leo Halliwell**
Missionário

1. Leo B. Halliwell, *Light Bearer to the Amazon*, The Southern Publishing Association, 1945.

Pontualidade

A pontualidade, por definição, é a qualidade de quem é pontual, de quem é rigoroso no uso do seu tempo, nomeadamente no cumprimento do tempo acordado com os outros. A pontualidade verifica-se quando alguém inicia e termina dentro do tempo acordado uma tarefa, uma missão, que lhe foi previamente confiada e que ficara obrigada a cumprir num dado período de tempo. Esta virtude é um dos pressupostos básicos das boas maneiras. Ela mostra respeito por quem temos apreço pessoal. Alguém afirmou que “a pontualidade é cortesia dos reis e obrigação dos educados”. Fixemos este pensamento na nossa mente, deixemos impregnar o nosso coração por ele e possuamo-lo como filho de eleição para cada momento.

Tanto na vida social, como na vida espiritual, a pontualidade é um atributo de caráter indispensável na vida do Cristão e implica um exercício (entenda-se, esforço) diário resultante da espontânea vontade de cada um. Respeitar o tempo acordado com cada indivíduo deve constituir-se como paradigma referencial entre pessoas de bem, isto é, aque-

las que são educadas, honestas e respeitadoras. A pontualidade é uma virtude entre várias outras que estabelece, objetiva e diretamente, uma inicial confiança entre as pessoas, sem qualquer distinção. Por experiência própria, pelo que tenho observado no dia-a-dia desde tempos recuados, reconheço cada vez mais que a pontualidade também é “um fruto vivo e atuante do Espírito”! Quando assumida com responsabilidade, quando a aplicamos “à letra”, ela fica sempre bem classificada em qualquer lugar ou circunstância, como se se tratasse de uma assinatura sobre um documento que é importante respeitar. Não é – aliás, nunca será – elegante e racional, em qualquer parte do mundo, ter a pontualidade como elemento de pouca ou nenhuma importância.

A falta de pontualidade sem justificação é pecado, pois ela transmite desde logo a triste imagem de uma pessoa que não dá valor aos compromissos assumidos, que não se importa mesmo de os ignorar, independentemente de vir a causar prejuízos a terceiros. Não restam dúvidas de que ela trará sempre como resultados uma impressão negativa que não

abona, moralmente, em favor de quem a pratica. Os Ingleses têm a pontualidade como uma dinâmica geradora de vida. É muito comum ouvir-se o conhecido dito sobre a “pontualidade britânica”. A definição desta pontualidade britânica passa, definitivamente, pelo significado de “rigor e exatidão na concretização dos deveres a que estamos obrigados, a fim de não chegarmos fora da hora prevista”.

Ora, este conceito de pontualidade deve ser estendido até ao interior do campo da verdadeira religião, aquela que vem de Deus e que a Ele nos leva, a qual conhecemos bem como a que está vinculada à “fé que uma vez foi dada aos santos” (Judas 3).

Um Cristão que professa ser fiel a Jesus, o seu bendito Senhor



e Salvador, não pode permitir que seja visto, em qualquer lugar por onde passa ou permanece, como uma pessoa que não cumpre a pontualidade cristã. Convém que nos lembremos de que as atitudes de reverência, de adoração e de louvor dirigidas ao Criador começam, justamente, pela pontualidade. Deus não Se agrada que o Seu povo ande distraído, que trilhe os Seus caminhos de forma descuidada, a ponto de desprezar o tempo em que se inicia o serviço de culto. Sobretudo quando Deus é o primeiro a estar

presente na Sua casa de Adoração, estando à espera dos Seus filhos no Seu santo lugar, naquelas horas que Lhe pertencem e que devem ser reconhecidas como solenes e santas. Com certeza, por vezes, há situações imponderáveis a servir de empecilho de última hora, situações que são um estorvo às boas intenções para se estar presente a horas nas reuniões de Sábado ou nas reuniões de oração durante a semana. Assim, não permitamos que o inimigo nos force a levantar o dedo indicador em julgamento precipitado contra quem quer que seja!

No entanto, o primeiro sinal visível do verdadeiro louvor a Deus é revelado pela assiduidade e pela pontualidade que Lhe dispensamos. Amar Deus “em espírito e em verdade” manifesta-se implicitamente na atitude de ser pontual. Não é próprio do Cristão ser apenas pontual quando tem cargos que lhe foram atribuídos na igreja pelo Conselho de Nomeações. Em boa verdade, qual é o empregador que admite que o seu colaborador apareça sistematicamente “tarde e a más horas” no local de trabalho, quando assumiu desde logo, por contrato, a obrigação de cumprir o seu horário com pontualidade? Não é difícil imaginar as consequências que adviriam deste incorreto procedimento! É Deus, então, menos importante do que um qualquer patrão desta Terra, que exige que os seus empregados cumpram os seus deveres e obrigações para com a sua empresa? Não é mais do que tempo de pensarmos, séria e honestamente, em adotar a virtude da pontualidade enquanto “humildes mordomos do Senhor”?

Portanto, como “povo da nação justa, que observa a verdade” (Isaías 26:2), como Adventistas do Sétimo Dia, nós devemos rogar a Deus que nos ilumine nestes tempos finais da história da Terra, de modo a alcançarmos corações sábios e justos, a fim de permanecermos fiéis e sermos sempre pontuais no que toca aos compromissos com Deus e com a Sua Igreja. Que a Sua bondade e a Sua misericórdia visitem cada dia o coração e a vida de todos quantos amam Cristo e esperam a vinda do Salvador, em glória e majestade. ✦

• **Carlos Santos**

Leitor da Revista Adventista

SINAIS DOS TEMPOS



**PARTILHE A
MENSAGEM!**

**DISTRIBUA
OFEREÇA**



**A REVISTA MISSIONÁRIA
ADVENTISTA EM PORTUGAL**